

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO INTERGRADO EM PSICOLOGIA, NA ESPECIALIDADE DE PSICOLOGIA
CLÍNICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Date Rape: Estudo realizado na População
Universitária Portuguesa

Mariana Ornelas Graça – N° 12423

ORIENTADOR: Henrique Pereira

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Vitor Cláudio

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Ao meu avô.

Pela força de viver que demonstrou e irradiou em cada segundo da sua vida.

E à lara.

Pela força de viver que demonstra e irradia em cada segundo da sua vida.

Agradeço profundamente ao meu Professor Henrique Pereira, que me ajudou e incentivou imenso neste percurso. Obrigada por tudo, pela ajuda disponibilizada na recolha de dados, nos tratamentos estatísticos, nas sugestões, nas críticas construtivas, nas revisões de texto, etc. Poderia continuar infinitivamente, o seu apoio foi essencial, não só em termos académicos mas igualmente em termos emocionais, demonstrando-me que os desafios são estimulantes e que podem ser ultrapassados. Obrigado pelo dinamismo que disponibilizou.

Agradeço igualmente à minha família toda que mesmo em momentos difíceis, ajudou-me imenso em todo o processo. Agradeço especialmente à minha Tia, pelo tempo perdido comigo e pelas sugestões e conselhos que disponibilizou.

Agradeço aos meus amigos que foram impecáveis na forma como divulgaram o instrumento e também na forma como actuaram em todo o processo.

Agradeço fortemente aos participantes, sem eles este estudo não teria sido realizado.

Deixo por fim uma forte sudação às vítimas de Date Rape, esperando que com este estudo, o Date Rape seja finalmente abordado e consciencializado pela sociedade Portuguesa.

Índice

	Páginas
Introdução.....	1
Método.....	13
Instrumento.....	14
Procedimento.....	15
Resultados.....	15
Discussão dos resultados.....	20
Limitações.....	27
Referências Bibliográficas.....	29
Anexos	
Anexo A: Enquadramento Teórico.....	34
Anexo B: Instrumento.....	57
Anexo C: Resultados e Tabelas.....	62

Lista de Tabelas

TABELA 1: Número Total de Participantes.....	63
TABELA 2 : Número Total de Homens e Mulheres.....	63
TABELA 3: Médias e Desvios Padrões Relativos às Diferenças de Atitudes entre Homens e Mulheres.....	63
TABELA 4: Número Total de vítimas.....	64

Lista de Figuras

Figura 1: Gráfico Representativo do Número de Participantes Masculinos e Femininos.....	64
--	----

Resumo

Este estudo aborda o tema do *Date Rape* 1 (violação que surge devido a uma interacção prévia entre o agressor e a vítima) no contexto Universitário Português. Em Portugal a investigação sobre o *Date Rape* é ainda limitada, sobretudo no contexto Universitário. O objectivo deste estudo é ter acesso à informação acerca da prevalência bem como, às atitudes que os estudantes têm em relação a este fenómeno. Neste estudo participaram 1013 estudantes Universitários (697 mulheres e 316 homens), que responderam através da Internet ao questionário de atitudes CDRAS - *College Date Rape Attitudes Survey* (Lanier & Green, 2006), bem como ao questionário socio-demográfico e questionário epidemiológico.

Os resultados demonstraram que na generalidade os estudantes têm valores baixos, ou seja têm atitudes negativas face ao problema. No entanto, constata-se diferenças significativas entre os homens e mulheres; os homens apresentam valores mais altos, o que corresponde a uma maior tolerância ao *Date Rape* do que as mulheres. Foi utilizado também um questionário que deu acesso à prevalência face ao fenómeno e concluímos que em 1013 estudantes ocorreram 44 casos de *Date Rape*, que se traduz numa taxa de 4,3%. A maioria dos casos de vitimização eram mulheres (39) mas também se registou em alguns homens (5). O facto de os homens terem atitudes mais positivas em relação ao *Date Rape* pode ter implicações a nível da aplicação de programas de prevenção eficazes e distintos para homens e mulheres, mesmo que estes números sejam relativamente baixos (4,3%).

Palavras-chave – *Date Rape; Prevalência; Incidência; Atitudes; Prevenção*

1- Por não haver nenhum vocábulo na língua Portuguesa para expressar o sentido integrado do conceito, opta-se por manter no original em língua Inglesa.

Introdução

Este trabalho tem como objectivo estudar o *Date Rape* no contexto Universitário Português. Qual a razão para a escolha deste tema e porquê no contexto Universitário?

O *Date Rape* é descrito como uma violação que envolve sexo não-casual entre duas ou mais pessoas que marcaram um encontro, daí o termo Date. A violação pode acontecer no primeiro encontro ou numa relação já estabelecida de longa data. A violação pode ser planeada pelo agressor ou pode ser espontânea. Esta violação é descrita por Bechhofer e Parrot (1991) como um tipo de “*Accquaintace rape*”, ou seja como uma violação que é provocada por um conhecido da vítima. Neste tipo de violação o agressor tem que conhecer a vítima, podendo conhecê-la somente platónica ou sexualmente (Lee, Noel, Kim, Lim, 2007). Ou seja, o *Date Rape* é determinado como sendo uma violência sexual que acontece quer nas relações ocasionais quer nas relações de namoro. Esta acontece com muita frequência, estima-se que as maiorias das violações são provocadas por alguém conhecido da vítima (Gray, 2006).

O termo *Date Rape* surgiu nos anos 80, em leitura publicada sobretudo nos E.U.A. Nessa altura, a população Americana começou a ter consciência do fenómeno, as vítimas começaram a ter mais espaço e com isso principiaram a reportar os primeiros casos de Date Rape. Tende-se verificado que o fenómeno era muito frequente, e que muitas situações aconteciam em Campus Universitários. Mesmo actualmente, o Date Rape continua a ser um crime que acontece com muita frequência,

particularmente em Campus Universitários (McDonald & Kline, 2004).

A maioria das vítimas de violação, são mulheres. No entanto, é importante referir que os adolescentes e os jovens adultos têm uma maior probabilidade, cerca de quatro vezes mais, para serem vítimas de violação comparativamente com o grupo de mulheres mais velhas. Ou seja, mulheres adolescentes e mulheres jovens adultas são uma faixa altamente vulneráveis e que devemos ter em especial atenção (Rickert & Wiemann, 1998). Cerca de 71% das mulheres violadas são adolescentes, normalmente com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos e cerca de 22% são mulheres jovens adultas, com idades compreendidas entre os 19 e 24 anos (Carr & VanDeusen, 2004).

A escolha deste tema despertou-nos imenso interesse por saber que infelizmente as pessoas consideram que as violações são provocadas ainda por desconhecidos; por verificar que em muitos países a prevalência é elevada, principalmente nos contextos académicos (McDonald *et al.*, 2004) e também por ter conhecimento que este tema é pouco estudado em Portugal.

Esta investigação dá a conhecer não só a prevalência do *Date Rape* como igualmente as atitudes dos estudantes quando abordados com este tema. As atitudes são uma representação mental, uma tendência psicológica reveladora de uma predisposição. Existe uma relação entre a situação em que as pessoas se encontram e respectivo comportamento. É, portanto, um julgamento avaliativo interno feito a partir da observação. Para que a atitude surja é necessário que exista uma informação prévia pré- estabelecida sobre o objecto passível de ser avaliado. Existem, dois tipos de julgamento avaliativo:

favorável e desfavorável. Este julgamento é feito através de três modalidades avaliativas. São elas, a cognitiva, a afectiva e a comportamental (Eagly & Chaiken cit. por Luísa Pedrosa de Lima, 2000,p.189).

A componente cognitiva é aquilo em que acreditamos como sendo verdadeiro acerca do objecto. Uma atitude inclui um conjunto de ideias, juízos e crenças sobre o objecto. A crença refere-se à informação que aceitamos sobre a situação, um acontecimento, um conceito. A componente afectiva está ligada ao sistema de valores, é uma dimensão emocional, a pessoa a possuir uma atitude, desenvolve sentimentos positivos ou negativos relativamente ao objecto. A componente comportamental é o que predispõem a pessoa a comportar-se de determinado modo. Esta é constituída pelo conjunto de reacções de um sujeito relativamente ao objecto da atitude. São estas três modalidades que vão formar a atitude.

Por exemplo, uma atitude negativa relativamente ao tabaco pode basear-se numa crença de que há uma relação entre o tabaco e o cancro do pulmão (componente cognitiva). A pessoa que partilha desta crença não gosta do fumo e experimenta sentimentos desagradáveis em ambientes onde as pessoas fumam (componente afectiva). A esta atitude estão frequentemente, associados alguns destes comportamentos: a pessoa não fuma, tenta convencer os outros a não fumar, participa em campanhas contra o tabaco, etc. (componente comportamental). No entanto, é de realçar que nem sempre isto ocorre, às vezes, o processo costuma ser o inverso e são as atitudes que seguem o comportamento e não o comportamento que seguem as atitudes (Psicologia Social, cit. por Monteiro & Santos p. 160).

Quanto à intensidade da atitude, existem posições fortes e fracas. Quer isto dizer que podemos ter a mesma direcção de atitude (concordar no mesmo assunto) mas ter posições fortes e fracas e conseqüentemente atitudes fortes e fracas. Ou seja, a intensidade de atitudes são diferentes. Para além da intensidade existe a acessibilidade que significa a possibilidade da atitude poder ser ou não activada automaticamente da memória perante o objecto que está a ser avaliado. Esta automatização depende da sua força, da forma como é apreendida e da frequência com que é utilizada (Fazio cit. por Luísa Pedrosa de Lima, 2000,p.189).

As Atitudes são estudadas pela Psicologia Social, a Psicologia Social é o estudo científico do comportamento social e das influências que se estabelecem entre as pessoas que fazem parte de um grupo. Os psicólogos sociais vão procurar conhecer a natureza e as causas dos nossos comportamentos, pensamentos, sentimentos que se relevam nas situações sociais (ABC da Mente Humana, p.146).

Após este enquadramento da definição de Atitudes e da ciência que as estuda, veremos de seguida alguns dos estudos elaborados ao longo dos anos, que abordam não só as atitudes como também a prevalência deste fenómeno.

Num estudo Norte-Americano de 2006, numa população de 50 estudantes (10 homens e 40 mulheres) cerca de 27% dos jovens já tinha tido algum tipo de sexo forçado, desde de beijar até à penetração (Gross, Winslett, Roberts, Gohm, 2006). Também nos E.U.A verificou-se, numa amostra de 178 estudantes, que cerca de 23% das mulheres e 7% dos homens já tinha tido uma ou mais experiências de sexo não consentido (Flack Jr., Daubman, Caron, Asadorian, *et al.* 2007). Numa população

exclusivamente feminina, 350 mulheres, foi verificado que 21% das jovens universitárias tinham sofrido tentativas de violação e 13% tinham sido vítimas de violação (Benson, Gohm, Gross, 2007). Nos E.U.A, estima-se que uma mulher em cada quatro tenha sido vítima de violação durante a sua vida académica (Mohler-Kuo, Dowdall, Koss, Wechsler, 2004).

Em Portugal, apesar de ser um fenómeno pouco investigado, localizamos alguns estudos. Como por exemplo, num estudo de Gameiro (2003) com uma amostra de 837 mulheres, foi verificado que uma em cada quatro estudantes universitárias tinha sido vítimas de experiências sexuais forçadas. Os beijos e carícias e a coacção sexual, ambos resultantes do uso de pressão por argumentos verbais, foram o tipo de agressão mais frequente. São 27% das estudantes universitárias que afirmam ter sido vítimas de "relações sexuais forçadas", uma categoria que inclui a coacção sexual (experiências sexuais na sequência de argumentos verbais ou posição de autoridade) -13,3%, os contactos indesejados (o que inclui beijos e carícias) - 6,8%, a tentativa de violação - 3% e a violação - 3,8%. As jovens que tiveram contactos sexuais indesejados frequentavam anos de escolaridade mais baixos, enquanto as vítimas de violação frequentavam anos mais elevados. Da totalidade das vítimas, só 28% pediram apoio, sendo o tipo de auxílio mais procurado, um amigo. Os principais efeitos destes abusos, que são mais permanentes nas vítimas de violação, passam pela depressão, hostilidade e sensibilidade interpessoal (Gameiro, 2003). Cerca de 80% das violações praticadas em contextos académicos são violações de Date Rape (Carr, 2007).

Muito destas violações estão relacionadas com as relações amorosas, em Portugal, verificou-se que a

violência no namoro é muito frequente (Machado, Saavedra, Coelho, 2008). Numa amostra de 4730 estudantes do ensino secundário, profissional e universitário foi relatado que cerca de 25% das pessoas já tinha sido vítimas de violência no namoro. A violência emocional é a que apresenta valores mais elevados com cerca de 19,7% dos casos, a violência física surgiu em segundo, 13,7% dos casos relatados. Foi identificado 30,1% de agressores, 22,6% de violência emocional e 18,2% agressores de violência física, 3% dos quais praticaram violência física grave. Em relação à violência sexual no namoro os valores diminuem, em 362 participantes do ensino universitário, 6,9% foram vítimas e 2,2% foram agressores (Machado, *et al.*, 2008).

Nas relações ocasionais, os valores aumentam significativamente, em 432 participantes do ensino secundário e superior identificou-se 48,6% de agressores, 19,4% dos quais tinham sido agressores de violência sexual, número muito superior ao de violência sexual no namoro. Em relação à prevalência de vítimas, cerca de 54,9% de pessoas consideravam-se terem sido vítimas de algum tipo de violência, 35,4% tinham sido vítimas de violência sexual. Neste estudo concluiu-se que existe uma maior perpetração masculina de violência física severa no namoro, maior perpetração de violência sexual nas relações ocasionais, maior violência no namoro e nas relações ocasionais perpetrada por participantes mais novos e menor vitimização nas relações ocasionais entre os participantes mais favorecidos (Machado, *et al.*, 2008).

Existem factores de risco que potenciam a probabilidade do Date Rape acontecer. Uns deles, é o consumo de álcool. Este é altamente consumido pelos estudantes. E está relacionado com o Date Rape. Existe uma clara correlação entre o consumo de álcool e as

vítimas (Benson, *et al.*, 2007). Cerca de 40% das vítimas de Date Rape e 55% dos agressores estava sobre o efeito do álcool (Wenger & Bornstein, 2006). O álcool é uma substância desinibidora. Este pode levar a que muitas pessoas aumentem o seu desejo sexual, e a que uma pessoa com carácter violento torne-se naturalmente agressiva. Ou seja, o álcool é uma droga que modifica quimicamente o cérebro, mas também modifica as expectativas do indivíduo, que se comporta de acordo com as crenças que tinha anteriormente sob os efeitos da substância (Enciclopédia da psicologia p. 146).

Após a ingestão de álcool factores como o género e a roupa passam a ter mais relevância, fazendo com que a probabilidade de acontecer violação aumente (Maurer & Robinson, 2008). Quando os mesmos sujeitos, tanto do sexo masculino como feminino, estão sóbrios o tipo de roupa não faz aumentar a intenção quererem ter relações sexuais. No entanto, verificou-se que mesmo sem substâncias o género é um dos factores que mais influencia o fenómeno (Maurer & Robinson, 2008). O *Date Rape*, como qualquer tipo de violência, está muito relacionado com a violência de género. A violência de género é um padrão específico de violência que se amplia e reactualiza na proporção directa em que o poder masculino é ameaçado. Podendo revestir-se de diversas formas, tanto físicas, como psicológicas, económicas, sexuais ou de discriminação sociocultural, esta forma de violência é considerada, nacional e internacionalmente como “uma das mais graves violações do direito à vida, segurança, liberdade, dignidade e integridade física e mental daquelas que são as vítimas e por consequência, um entrave ao funcionamento de uma sociedade democrática, baseado no estado de direito. Nela se inscrevem um conjunto de crimes de que resultam vítimas

que não só sofrem directamente os efeitos físicos e psicológicos da vitimização, como também as suas consequências sociais, materializadas na desorganização total ou parcial dos seus projectos de vida (Barroso, 2007).

O álcool também pode influenciar a forma como a pessoa percebe se está a ser vítima ou não. Uma pessoa alcoolizada tem menos noção de perigo fazendo com que fique mais vulnerável. Além disso as pessoas alcoolizadas têm menos resistência e tendem a ter menos convincentes respostas de recusa, ficando conseqüentemente mais expostas ao perigo (Pumphrey-Gordon & Gross, 2007), quanto maior o consumo de álcool maior a letargia, maior a lentidão da resposta e menor a firmeza da resposta (Loiselle & Fuqua, 2007). Está provado que o consumo de álcool aumenta definitivamente a probabilidade de uma violação ocorrer (Maurer *et al.*, 2008). Este é um risco quer para as vítimas quer para os agressores (Loiselle & Fuqua, 2007). Outro factor de risco é o número de parceiros, Benson, Gohm, e Gross (2007) verificaram que quando a mulher tem mais parceiros também tem maior probabilidade de encontrar homens agressivos (Benson, *et al.*, 2007). É interessante realçar que as percepções do perigo e do risco são muito diferentes, especificamente nas pessoas que já foram vítimas de Date Rape e nas pessoas que nunca o foram. Os sujeitos que já foram vítimas, modificam as suas noções e percepções do risco e perante outra eventual situação de Date Rape, protegem-se melhor (Soler-Baillo, Marx, Sloan, 2005).

Apesar de se tratar de vítima e respectivo agressor, o conceito de Date Rape é raramente visto como sexualmente abusivo ou um acto criminoso (Lee, *et al.* 2007). Comparando com uma violação cometida por um estranho, a violação de "Acquaintance" ou de Date Rape é

sentida pela sociedade como uma “não violação”, mas sim como um acontecimento que provavelmente até a mulher queria e se não queria, a culpa também foi dela pois encontrou-se com o dito agressor. Estes tipos de preconceitos fazem com que a vítima se sinta algo responsável pelo sucedido (Chapleau, Oswald, Russell, 2008).

O *Date Rape* é um fenómeno complexo, este está relacionado com a sexualidade. A sexualidade é ainda um tema muito sensível e tabu, sendo difícil de ser abordada pela nossa sociedade actual. Devido a isto, surgem alguns mitos, os mitos da sexualidade influenciam a forma como as pessoas vêem o *Date Rape* e a forma atribuem a culpa. Os preconceitos criados a partir dos mitos, fazem com que muitas vezes o agressor seja menos punido e a respectiva vítima não seja isente de culpa (Gary, 2006). Esta tese foi verificada num estudo em que os participantes do sexo masculino e feminino tiveram acesso a uma descrição de *Date Rape*. Os resultados demonstraram que com a leitura dessa descrição os sujeitos apresentaram menos empatia pela vítima e atribuíram-lhe mais culpa pelo sucedido (Putman, 2002). O mesmo aconteceu quando apresentaram aos sujeitos dois tipos de descrições de violação: a de *Date Rape* e a provocada por um desconhecido. Após a leitura os participantes do sexo masculino e feminino, culpavam muito mais a vítima da violação de “*Acquaintance*” (Abrams, Viki, Masser, Bohner, 2003).

Também é relatado em estudos anteriores que o facto de a mulher consumir voluntariamente álcool e drogas faz conseqüentemente diminuir a culpa no agressor e atribuir mais responsabilidade à vítima (Girard & Senn, 2008). Verificou-se, igualmente, que os Juizes também não são imunes a este pensamento. Quando a vítima de

Date Rape consome substâncias antes da violação, este é considerada pela Justiça como mesmo credível, levando que muitas das vezes não se incrimine o respectivo agressor (Wenger *et al.*, 2006).

Consequentemente, muitas mulheres pensam que poderiam ter feito algo para prevenir a situação, não se vêm totalmente como vítimas, não se vêm como neutrais (Johnson, 1995). Isto faz com que muitas vezes não relatem os casos à polícia, fazendo com que o número de agressões seja provavelmente muito maior (Mohler-Kuo, Dowdall, Koss, Wechsler 2004). Apesar, de não se considerarem como verdadeiras vítimas, elas de facto o são, cerca de 94%, têm logo após à agressão, a probabilidade de virem a desenvolver stress pós-trumático (PTSD) (Maia & Fernandes, 2003).

Em relação aos agressores que na maioria são homens, não se reconhecem como agressores, normalmente referem que o seu acto não foi uma violação mas sim uma relação sexual casual (Humphreys & Herold, 2007). Por estas razões é que é extremamente difícil a sociedade identificar o problema e dar uma resposta eficaz de resolução.

Os homens em geral têm uma maior tolerância ao conceito, isto é, têm atitudes mais positivas em relação ao *Date Rape* (Bohner, Siebler, Schmelcher, 2006). Estas atitudes positivas e tolerantes, são as principais promotoras da ocorrência de *Date Rape* (Carr, *et al.*, 2004). O género aqui, surge novamente como um forte influente. Este, não só ajuda a construir este tipo de atitudes como também está relacionado com o sentimento de culpabilidade que muitas das vítimas apresentam (Geiger, Fischer, Eshet, 2004).

As pessoas tem a tendência de modular os seus julgamentos conforme os seus comportamentos, como

também têm a tendência de estarem sempre a justificar e a defender os seus actos (Yael, Ben-David, Ben-Nachum, 2008). Assim, a forma que os homens tem como defesa é possuírem atitudes mais tolerantes e de colocar a responsabilidade na mulher. Estudos confirmaram que um em cada quatro homens concordava que muitas das vezes, as mulheres é que provocam a própria violação. Se elas não o queriam, podiam ter evitado a respectiva situação (Holcomb, 1993). Muitos referem, que cerca de 50% das violações são inventadas pelas mulheres, referindo que na maior parte das vezes a mulher está a mentir ou a exagerar (Sawyer, 2002). Muitos homens até pensam que a mulher queria ter de facto relações sexuais com eles (Proite, 1993). Este tipo de resultados, segundo Sawyer (1993) surgem devido à natureza humana de quererem estar sempre a diminuir a culpa no próprio e também à uma comunicação difusa.

Um estudo abordou o tipo de comunicação existente na interacção entre homens e mulheres quando nestes tipo de encontros. As mulheres têm a sensação de conseguir determinar as respectivas intenções dos homens que acabaram de conhecer. Enquanto os homens caracterizam as mulheres como desonestas, dando mensagens difusas e que muitas vezes escondem as suas intenções em relação ao que realmente querem. Este tipo de comunicação faz com que eventualmente o date rape aumente (Sawyer, Desmond, Gabrielle, 1993).

É por essas comunicações, que muitos homens têm a noção que quando a mulher diz “não ao sexo o que ela realmente quer dizer é talvez”. Muitos homens pensam que a mulher não está a ser verdadeira e para entenderem que de facto a mulher não se encontra disponível para ter relações sexuais, muitos necessitam de uma forte resistência por parte da mulher. Num estudo de 2003, 131

jovens estudantes completaram uma escala de resistência ao sexo. A estes era apresentado três tipos de cenários de date rape antes de responderam à escala. O resultado mostrou que quando os homens tinham fracas noções de resistência e de afirmação do não por parte da mulher, tinham também uma elevada predisposição para a agressão, pelo contrário homens com elevadas noções de resistência e de afirmação do não por parte da mulher tinham fraca disposição para a agressão. Este estudo demonstrou que os homens consideram a resistência da mulher um factor determinante para a ocorrência ou não de Date Rape. (Osman, 2003). No entanto, ao contrário dos homens, as mulheres necessitam de uma resposta convincente, para ter a certeza que de facto a pessoa encontra-se disponível para uma relação sexual (Humphreys, 2007). As diferenças entre homens e mulheres neste tipo de interacções são muito significativas.

Também é interessante verificar diferenças entre sujeitos que já iniciaram relações sexuais e aqueles que nunca tiveram relações sexuais. Estudantes que tiveram mais experiências sexuais dão menos importância ao consentimento do parceiro neste tipo de encontros. Estudantes que nunca iniciaram a sua vida sexual dão externa importância ao consentimento do parceiro, esperando deste uma resposta convincente (Humphreys & Herold, 2007).

As pessoas mais tolerantes em relação ao *Date Rape*, têm enormes dificuldades em identificar se de facto ocorreu violação ou não, têm mais crenças positivas, são mais permissivas, normalmente tem menos conhecimento sexual e tem mais tendência para culpar a situação e a sociedade do que o próprio agressor (Fischer, 1986).

Assim, a prevenção e a Intervenção são necessários para diminuir o problema. Os Estudantes

Universitários que foram expostos a programas de prevenção, demonstram uma maior sensibilidade ao problema e desenvolvem uma consciência de *Date Rape*. Estas mudanças são ambas cognitivas e emocionais e fazem com que os comportamentos se alterem ao longo do tempo (Klaw, Lonsway, Berg, *et al.*, 2005). Noutro estudo, verificou-se que os programas de prevenção e intervenção tinham mais efeitos positivos nos próprios homens do que nas mulheres (Holcomb, 1993). Os programas de prevenção teriam que abordar todos os preconceitos subjacentes ao problema, teriam que basear-se em estudos anteriores, como os anteriormente relatados e teriam que ser distintos para homens e mulheres de forma a efectivamente fazerem diminuir a potencialidade do fenómeno.

Tendo em conta o atrás explorado, desenvolveu-se uma investigação com que o objectivo é estudar o fenómeno do *Date Rape* na população universitária Portuguesa e que se apresenta a seguintes hipóteses: Os homens estudantes têm, em geral atitudes mais permissivas e tolerantes comparativamente com o grupo das mulheres. E a prevalência do *Date Rape* no contexto académico Português é significativamente elevada.

Método

Para este estudo foi utilizado uma amostra de 1013 estudantes. Da respectiva amostra, 697 eram estudantes do sexo feminino (69%) e 316 eram do sexo masculino (31%). Todos os participantes encontraram-se actualmente a estudar no ensino superior, em diferentes graus académicos. As idades estão compreendidas entre os 17 e os 56 anos de idade, a média de idades localiza-se nos 23

anos. A amostra foi recolhida por conveniência, através da Internet.

Instrumento

O instrumento utilizado para o estudo foi o College Date Rape Attitudes Survey (CDRAS) (Lanier & Green, 2006). Este instrumento apresenta 17 itens e mede as atitudes em relação ao Date Rape no contexto universitário. Todos os itens foram contados de acordo com uma escala de Lickert. Esta escala têm quatro opções de resposta, desde do discordo totalmente (1) ao concordo totalmente (4). A versão Portuguesa do College Date Rape Attitudes Survey apresenta uma ótima consistência interna (coeficiente alfa = 0,80) bem como um ótimo factor de análise (KMO=0,92). Deste instrumento resultaram três factores: As Expectativas Sexuais, as Tradicionais Crenças Sexuais e o Despertar da Excitação Sexual.

O primeiro factor (Expectativas sexuais) apresenta um coeficiente alfa = 79% uma variância de 29%. As Expectativas Sexuais é um dos factores (alfa de 79%) que mais influência o Date Rape. No geral, quer os homens quer as mulheres apresentam valores negativos em relação a este factor (1.88). Isto demonstra que nesta população, as Expectativas Sexuais são vistas como negativas.

O segundo factor são as Tradicionais Crenças Sexuais. Este factor apresenta um coeficiente 70% variância de 8%. É o factor que menos influência o Date Rape. Previsivelmente, também é o factor que apresenta valores mais negativos (1,33), para ambos os sexos.

O terceiro factor e último (Despertar da Excitação Sexual), apresenta com coeficiente alfa de 98% e uma variância de 7%, este é o mais influente e mais credível factor (98%) em todo o instrumento. Também é factor que apresenta os valores mais elevados (2,64), ou seja é o factor que mais influência o fenómeno.

Finalmente, também foi utilizado um questionário que deu acesso à prevalência do fenómeno. A prevalência do Date Rape em 1013 estudantes Portugueses é de 4,3%.

Procedimento

Todos os instrumentos foram colocados num site específico na Internet, durante os meses de Fevereiro a Abril de 2008. Os participantes que responderam ao questionário foram estudantes de várias Universidades Portuguesas. O consentimento informado e todos os aspectos que dizem respeito à confiabilidade dos participantes foram respeitados. O instrumento pode ser visualizado no Anexo C.

Resultados

De forma a operacionalizar melhor os resultados, optamos por apresentá-los divididos em três factores, que são: As Expectativas Sexuais, as Tradicionais Crenças Sexuais e o Despertar da Excitação Sexual.

Ambos os sexos, vêm o Despertar da Excitação Sexual como um factor influente no Date Rape. Os participantes são mais tolerantes ao fenómeno quando factores relacionados com o Despertar da Excitação Sexual intervêm no processo. Admitem o Despertar da Excitação Sexual, como sendo o factor que mais influência

o Date Rape, conseqüentemente têm atitudes mais positivas em relação a este. Como podemos ver na figura 1:

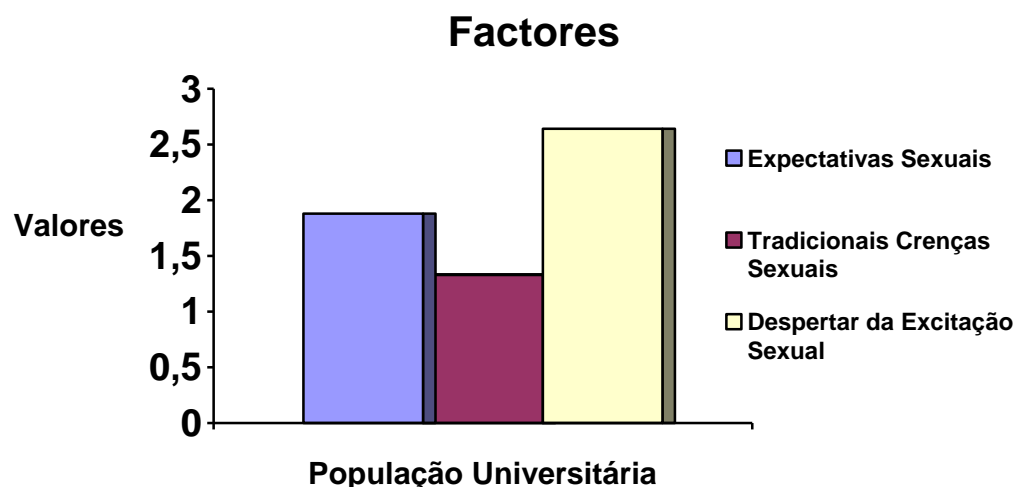


Figura 1 – Os resultados para os três factores (Expectativas Sexuais, Tradicionais Crenças Sexuais e Despertar da Excitação Sexual) na população universitária Portuguesa (n=1013, média = 1,73, Kmo= 0,92%).

No entanto, apesar dos resultados deste factor, de acordo com a figura e com os resultados gerais obtidos, um alfa de 0,82 e uma média global de 1,73, podemos dizer que no geral os participantes, masculinos e femininos apresentam atitudes negativas em relação ao Date Rape.

No que diz respeito, a explorar as diferenças entre homens e mulheres verificou-se diferenças significativas ($t(1013) = 1,25$ $p = 0,286$) entre os sexos. Vejamos os valores das médias, para cada um dos três factores.

Para o factor 1 (Expectativas Sexuais), houve diferenças significativas entre homens e mulheres ($t(1013) = 14,57$; $p < 0,001$). A população universitária masculina apresenta valores mais elevados em comparação com o

grupo das mulheres. Como podemos verificar na figura que se segue:

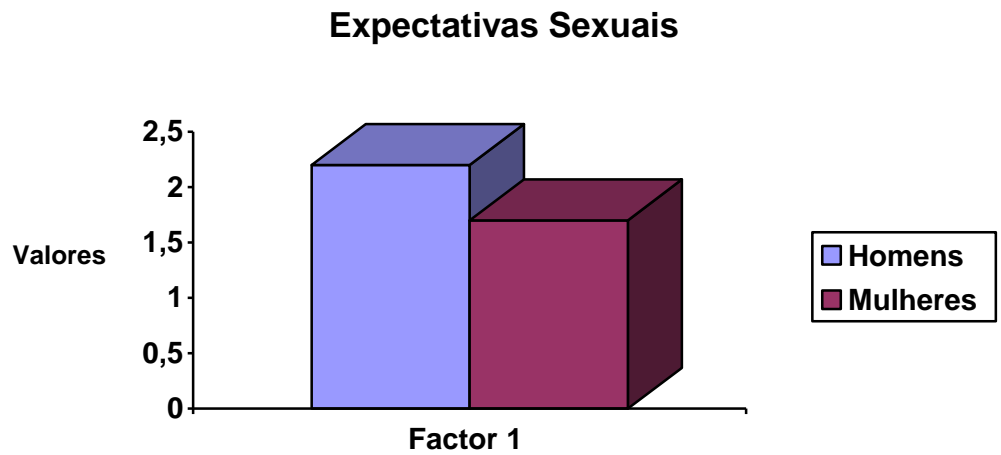


Figura 2 - As diferenças significativas ($t(1013) = 14,57$; $p < 0.001$) no factor “Expectativas Sexuais entre Homens e as Mulheres”.

Em relação ao segundo factor, que são as Tradicionais Crenças Sexuais, os homens apresentam novamente valores mais elevados, ou seja neste factor existem igualmente diferenças significativas ($t(1013) = 14,57$; $p < 0.001$) entre os sexos. Como podemos ver na figura 3:

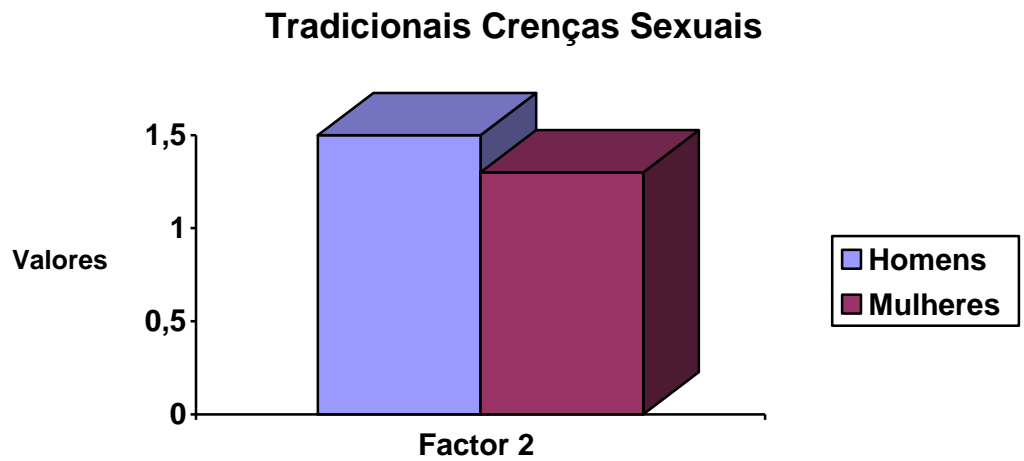


Figura 3 – As Diferenças significativas ($t(1013) = 14,57; p < 0.001$), no factor “Tradicionais Crenças Sexuais entre Homens e as Mulheres”.

O factor 3, Despertar da Excitação Sexual apresenta igualmente diferenças significativas entre os sexos ($t(1013) = 14,57; p < 0.001$), e novamente os valores da população masculina é maior. Como podemos verificar na figura 4:

Despertar da Excitação Sexual

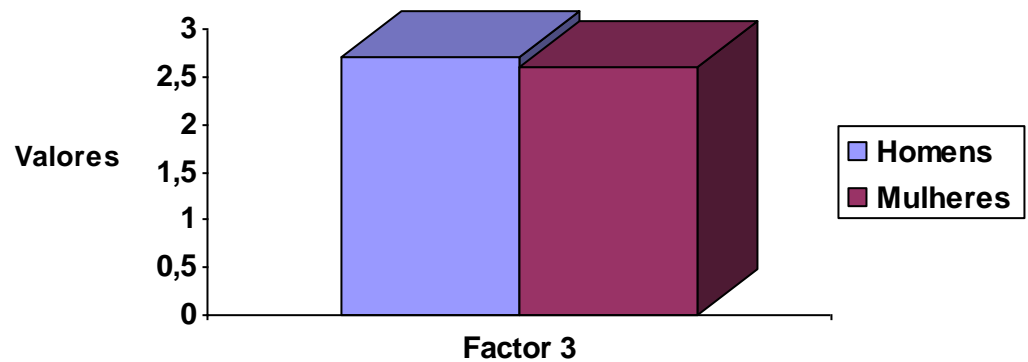


Figura 4 - As Diferenças significativas ($t(1013) = 14,57$; $p < 0,001$), no factor “Despertar da Excitação Sexual entre Homens e as Mulheres”.

No geral, os resultados demonstram que os homens apresentam atitudes menos negativas comparativamente com o grupo das mulheres. Ou seja, os homens são mais tolerantes ao fenómeno do Date Rape do que em relação às mulheres. Em relação à prevalência em 1013 estudantes tivemos 44 vítimas. Com podemos ver na figura 5:

Prevalência

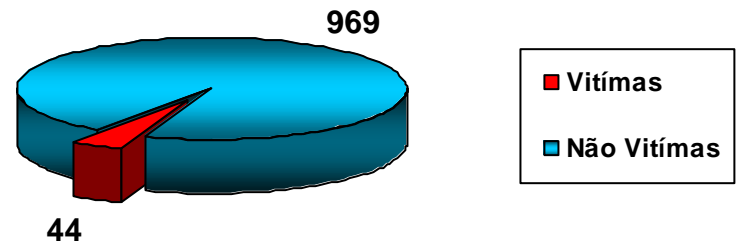


Figura 5 – A Prevalência do Date Rape na População Universitária Portuguesa.

Constatamos que esta prevalência é de 4,3%. É relativamente pequena em comparação com os Estados Unidos da América, no entanto não deixa de ser significativa. Os participantes que relataram ter sido vítimas foram 39 mulheres e 5 homens. Como era esperado, o número de vítimas mulheres é muito superior ao número de vítimas homens. No entanto, é interessante verificar que as vítimas de Date Rape não são apenas mulheres.

Discussão dos Resultados

O propósito deste estudo era ter acesso à prevalência do *Date Rape* como igualmente às atitudes dos estudantes. O questionário utilizado (College Date Rape Attitude Survey) deu acesso às atitudes e relevou que no geral os estudantes têm atitudes negativas em

relação ao *Date Rape*. No entanto, foi verificado que os estudantes masculinos têm atitudes menos negativas comparativamente com o grupo das mulheres. Ou seja, estes têm atitudes mais tolerantes e positivas do que em relação às mulheres. A diferença constata-se em todos os factores (Expectativas Sexuais, Tradicionais Crenças Sexuais e Excitação Sexual) e é significativa, isto veio confirmar uma das hipóteses proposta no estudo. Em relação à prevalência em 1013 estudantes verificou-se 44 vítimas (39 mulheres e 5 homens). Apesar de não confirmar a segunda hipótese do estudo, é de realçar o facto, que o fenómeno existe no contexto universitário Português e de acordo com os resultados demonstrados, especificamente em relação às atitudes, podemos dizer que o *Date Rape* tem uma significativa probabilidade de vir a aumentar.

A confirmar esta hipótese temos os resultados das atitudes. Por exemplo, o factor 3 Despertar da Excitação Sexual, não só é o factor em que a discrepância entre homens e mulheres é menor, mas também é o factor que apresenta valores mais elevados, para ambos os sexos. Ou seja, este é o factor que mais influência o *Date Rape*. Isto quer dizer que, quando surge elementos relacionados com o Despertar da Excitação Sexual o *Date Rape* provavelmente não é encarado como um crime mas sim como uma consequência. Possivelmente, quando os homens e as mulheres são confortados por factores desta ordem (Despertar da Excitação Sexual), pensam que o normal é que algo de sexual aconteça. Deste modo, ficam ambos mais vulneráveis ao processo aumentando a probabilidade de tornarem eventuais vítimas ou agressores.

Um dos itens pertencentes a este factor é: “o grau de resistência de uma mulher é factor determinante para

saber se ocorreu ou não violação”, este item no entender dos participantes provoca excitação sexual e o conseqüentemente desenrolar da acção. Podemos dizer, que para os participantes o grau de resistência emerge com sendo relevante para saber se de facto ocorreu violação ou não. Pode-se por a hipótese, que o facto de a mulher não se demonstrar suficiente resistente, faz dela uma provável vítima de *Date Rape*. Os agressores exploram a resistência da vítima para seu benefício e para passar à acção.

Assim, a resistência para os homens e mulheres é um factor determinante no fenómeno do *Date Rape*. A resistência também está relacionada com a forte culpabilidade das vítimas, *“não fui suficientemente resistente e explicita de forma a não provocar excitação sexual no meu parceiro”* e a conseqüente desculpabilidade dos agressores *“a culpa também foi dela pois não foi verdadeira, visto não se mostrar suficientemente resistente. Ela provavelmente até queria, senão não tinha saído comigo”*. Estes resultados vão de acordo com os resultados dos estudos anteriormente relatados relativamente à importância da resistência e da afirmação do não.

Verificou-se igualmente que os homens têm muito presente as Expectativas Sexuais. É neste factor que surge a maior discrepância entre homens e mulheres. Os homens têm mais Expectativas Sexuais nos seus encontros do que em relação às mulheres. Conseqüentemente, os homens são mais influenciados por factores de ordem sexual e pelos papéis que eventualmente cada um dos sexos deve desempenhar nestes tipos de encontros. Vejamos dois exemplos, de dois dos item presentes a este factor, assim temos *“Se uma mulher convidar um homem para sair com ela, isso*

significa que esta procura ter uma relação sexual com esse homem”, ou “Quando uma mulher diz não ao sexo, ela quer realmente dizer “talvez”. A expectativa de ter uma relação sexual neste tipo de encontros no homem é maior do que na mulher, isto faz com que os comportamentos da mulher sejam interpretados pelo homem de uma forma sexual.

Também verificou-se, que as Tradicionais Crenças Sexuais ainda influenciam a forma como os homens vêm as mulheres e os seus papéis sociais na sociedade actual. Apesar de ser o factor, que no geral apresentou valores mais baixos, o facto de os homens apresentarem novamente valores mais elevados, do que em relação às mulheres, é preocupante. Um dos itens neste factor é *“Se uma mulher deixar um homem pagar-lhe o jantar, cinema ou bebidas, deve considera-se obrigada a ter sexo”*. Infelizmente, as Tradicionais Crenças Sexuais ainda influenciam a forma como os homens vêm as mulheres na sociedade actual (Clark & Carroll, 2008).

Ainda existe muitos estereótipos e preconceitos ligados quer à figura masculina quer à figura feminina. Por exemplo, ao homem caberá iniciar o contacto e insistir na relação sexual como prova da sua masculinidade e à mulher cabe-lhe dizer que não, para não ser tida como fácil. Todos estes estereótipos influenciam a forma como as interações desenrolam-se e como chegam a um fim (Gameiro, 2003).

Para alterar estes estereótipos e modificar atitudes e comportamentos são necessária a construção de programas de intervenção e prevenção distintos para homens e mulheres. Este tipo de preconceitos, estereótipos e crenças influenciam a forma como os homens e mulheres vêm estes fenómenos. A aplicação de programas de prevenção e intervenção, distintos para

homens e mulheres são importantíssimos. O objectivo dos programas será não só a modificação de pensamentos e atitudes que ainda hoje persistem na sociedade actual mas também a possibilidade de modificar comportamentos. Modificando-os, fazemos com que futuros potenciais *Date Rapes* não ocorram.

Os programas são altamente benéficos, os sujeitos que têm acesso a estes programas não só passam a ter consciência do problema, como diminuem o seu nível de tolerância, tem atitudes mais negativas, destroem estereótipos, como os anteriormente relatados e conseqüentemente alteram o seu papel na sociedade. Também, e não menos importante tem acesso a formas de se protegerem e de como identificar as situações de risco (Klaw *et al.*, 2005).

Para as pessoas que já foram vítimas, o contacto com os programas é igualmente benéfico. Muitas das vezes, as pessoas apenas se identificam como sobreviventes de violência sexual, após o contacto com um programa e/ou com profissionais. Só após o auto-reconhecimento é que as pessoas podem procurar a ajuda específica e necessária para o seu problema. Com a ajuda necessária, as vítimas puderam ultrapassar o seu problema e conseqüentemente aumentar o seu Empowerment.

O ideal seria realizar os programas já no ensino secundário, para que assim os estudantes aderissem ao problema antes da entrada para a faculdade. O que o programa, deveria disponibilizar, em termos gerais aos adolescentes era: o direito de serem tratados com respeito em qualquer situação, saberem quais e como por limites num contacto mais íntimo, o que são carícias e que são agressões, confortarem-se com a possibilidade da pessoa poder mudar de opinião (o ter dito não, depois de ter tido que sim) e a pessoa não deixar de ser menos credível por

isso, realçar a ideia que cada pessoa têm diferentes perspectivas, podendo estas, serem muito diversas das do parceiro e por fim, é igualmente importante transmitir que ninguém tem o direito de insultar o parceiro pela sua reputação e claro de forçar relações sexuais (Lavoie, 2008).

Muitas destas noções não estão bem solidificadas nos adolescentes e com a possibilidade da entrada para a faculdade, que surge como uma nova fase, era importante para os jovens que tivessem previamente algumas noções. Isto porque, a entrada para o contexto académico nem sempre ser fácil. A chegada à Universidade implica, por exemplo, reformular relacionamentos interpessoais e familiares, estabelecer novas amizades, redefinir o papel de estudante, gerir tempos e actividades no quadro de uma maior autonomia, assistir a aulas magistrais e ter professores cuja relação é mais distante do que a estabelecida com os professores no Ensino Secundário (Almeida, Guisande, Soares, Saavedra, 2006). Para além do mais cerca de 50% dos alunos Universitários são deslocados, trazendo com isso outros desafios. Muitas pessoas sentem-se perdidas nesta nova fase, fazendo surgir, por vezes, novos problemas, podendo um deles ser o *Date Rape*. É de realçar de com isto, não quero dizer que o *Date Rape* não exista em pessoas mais jovens, muito pelo contrário, vimos que a violência do namoro é muito elevada nas pessoas mais novas, apenas quero realçar a entrada para a faculdade como um factor que faz aumentar a prevalência do *Date Rape*, de acordo com a hipótese que se propôs para o estudo.

É certo, que em alguns países a entrada para a faculdade, faz aumentar significativamente o *Date Rape*. No entanto, no contexto universitário Português, os números são efectivamente mais baixos. Mesmo nesta

nova fase, a prevalência de *Date Rape* no contexto académico Português é relativamente baixa. Com isto, pode-se por a hipótese, que a estrutura de Campus funcione como factor de risco e conseqüentemente aumente o *Date Rape*. Visto o *Date Rape* ser um crime que acontece com muita frequência, particularmente em Campus Universitários (McDonald *et al.*, 2004).

Em Portugal o ensino Universitário não está confinado em Campus, os estudantes Portugueses estão distribuídos pelas respectivas cidades, estão integrados na vida da cidade e nos contextos citadinos. Daí a prevalência ser menor. O Campus Universitário faz os estudantes estarem enclausurados num espaço específico, fazendo com que possivelmente aumente a promiscuidade e conseqüentemente o *Date Rape*. Estar inserido na comunidade local, é externamente benéfico pois, não só diminuem comportamentos de risco como também diminuem o sentimento de isolamento, de vulnerabilidade e conseqüentemente aumenta o Empowerment de cada indivíduo. E é isso que o contexto Universitário deve proporcionar, este deve funcionar como um contexto facilitador do desenvolvimento pessoal dos jovens, promovendo a integração e o ajustamento académico, pessoal, social e afectivo do aluno, constituindo um suporte do desenvolvimento presente e de projecção futura, facilitando quer a transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior quer do Superior para o mundo socioprofissional (Ferreira, Almeida, Soares, 2001).

Assim, o que podemos fazer como profissionais de saúde, em programas de prevenção, e como sociedade para que os futuros *Date Rapes* não venham a acontecer? É absolutamente necessário que a sociedade reveja os seus valores, contestando uma noção de cultura dominante e conseqüentemente construindo uma cultura

de respeito e segurança. É importantíssimo que vejamos os homens como aliados, de modo a poder colaborar com eles, estes são fundamentais para o processo. A maioria dos especialistas reconhece que trabalhar com os homens é mais importante do que trabalhar com as mulheres, isto porque a maioria dos agressores são homens (Carr, 2004). Destruir as atitudes positivas e tolerantes e reforçando as negativas, realçando os problemas que advém das violações, é importantíssimo. É igualmente indispensável, demonstrar aos sujeitos os tipos de comportamentos desejáveis e os não-desejáveis para que estes saibam como agir perante tal situação. E por fim, é fundamental construir uma cultura de protecção nas pessoas (Fabiano, Perkins, Berkowitz, Linkenbach, Stark, 2003).

Para que todo o processo corra eficazmente é necessário dar voz, às vítimas de violação. Estas são os verdadeiros sobreviventes. Com o seu testemunho colocam o problema na actualidade. Estas, mais que ninguém, fazem com que sociedade reage e altere os seus valores e princípios. Tornando-a assim, a sociedade mais igualitária e protectora dos direitos humanos.

Limitações

Esta investigação tem uma grande limitação que é o facto de este tema ser pouco estudado em Portugal. Este facto, faz com que a sociedade Portuguesa não esteja sensível para o problema. Muitos dos participantes do estudo, aperceberam-se pela primeira vez do fenómeno quando acederam ao instrumento. Muitos participantes, talvez nem sabiam que, por exemplo o facto de se sair com o namorado e este praticar relações sexuais forçadas com a companheira era uma violação. Penso, que se as

peças tivessem uma consciência do fenómeno, o número seria provavelmente maior.

Outra limitação, é o facto de o instrumento ter sido colocado na Internet. Este limitou a amostrar às pessoas utilizadoras de Internet. No entanto, como os estudantes universitários são na sua maioria jovens e utilizadores de Internet, julgo que a amostra era representativa.

A internet também actuou como um facilitador, visto este ser um tema altamente desconfortável para as pessoas, o facto de o instrumento encontrar-se *online*, fez que possivelmente muitas pessoas respondessem verdadeiramente.

Referências

Anna, K. S. and Stine R. F. (2007). Risk Factors and Consequences of Unwanted Sex Among University Students. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 22, No. 2, 139-157.

Abrams D., Viki G.T., Masser B., Bohner G. (2003). Perceptions of stranger and acquaintance rape: the role of benevolent and hostile sexism in victim blame and rape proclivity. *Journal of Personality and Social Psychology* 2003 Jan; 84(1): 111-25.

Anderson A. and Whiston C. (2005). Sexual Assault Education Programs: A Meta-Analytic Examination of Their Effectiveness. *Psychology of Women Quarterly*, Volume 29 Issue 4 Page 374-388, December.

Anderson, (2007). What is a typical rape? Effects of victim and participant gender in female and male rape perception. *British Journal of Social Psychology*, Volume 46, Number 1, March 2007, pp. 225-245(21).

Almeida S. L., Guisande M. A., Soares A. P., Saavedra L. (2006). Acesso e Sucesso no Ensino Superior em Portugal: Questões de Género, Origem Sócio-Cultural e Percurso Académico dos Alunos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 507-514.

Barroso, Z. (2007). *Violência nas Relações Amorosas*. Lisboa: Edições Colibri.

Benson J. B. , Gohm L. C. and Gross M. A. (2007). College Women and Sexual Assault: The Role of Sex-related Alcohol Expectancies. *Journal of Family Violence*, Volume 22, Number 6 / August.

Brown L. A. and Testa M. (2007). Social Influences on Judgments of Rape Victims: The Role of the Negative and Positive Social Reactions of Others. *Sex Roles Journal*, Volume 58, Numbers 7-8 / April.

Bohner G., Siebler F., Schmelcher J. (2006). Social Norms and the Likelihood of Raping: Perceived Rape Myth Acceptance of Others Affects Men's Rape Proclivity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, Vol. 32, No. 3, 286-297.

Caetano, A.(2000). *Atitudes: Estrutura e mudança*. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds), *Psicologia Social* (pp 188-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carr L. J. and VanDeusen M. K. (2004). Risk Factors for Male Sexual Aggression on College Campuses. *Journal of Family Violence*, Vol. 19, No. 5, October.

Carr L. J. Campus Violence White Paper (2007). *Journal of American College Health*, vol. 55, April.

Clark M. D. and Carroll H. M. (2008). Acquaintance Rape Scripts of Women and Men: Similarities and Differences. *Sex Roles Journal*, Volume 58, Numbers 9-10 / May.

Chapleau M. K., Oswald L. D., Russell L. B. (2008). Male Rape Myths. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 23, No. 5, 600-615.

Dominic A., Tendayi G. V., Masser B. and Gerd B. (2003). Perceptions of Stranger and Acquaintance Rape: The Role of Benevolent and Hostile Sexism in Victim Blame and Rape Proclivity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2003, Vol. 84, No. 1, 111–125.

Enciclopédia da Psicologia, volume 4 (1990). Lisboa: Edições Oceano.

Fabiano M. P., Perkins W., Berkowitz A., Linkenbach J., Stark C. (2003). Engaging Men as Social Justice Allies in Ending Violence Against Women: Evidence for a Social Norms Approach. *Journal of American College Health*, vol. 52 No.3.

Ferreira A. J., Almeida S. L., Soares C. A. P. (2001). Adaptação académica em estudante do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso, *Psico-USF*, v.6, n.1, p.01-10, jan./jun.

Fischer J. G. College student attitudes toward forcible date rape (1986): I. Cognitive predictors. *Archives of Sexual Behavior Journal*, Vol 15 (6), Dec 1986. pp. 457-466.

Gameiro, F. (Ed.) (2003). Agressividade no namoro de adolescentes (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Lusófona.

Geiger B., Fischer M. and Eshet Y. (2004). Date-Rape-Supporting and Victim-Blaming Attitudes Among High School Students in a Multiethnic Society. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 19, No. 4, 406-426 2004.

Girard L. A., Senn Y. C. (2008). The Role of the New "Date Rape Drugs" in Attributions About Date Rape. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 23, No. 1, 3-20.

Gray M. J. Rape myth beliefs and prejudiced instructions: Effects on decisions of guilt in a case of date rape (2006). *Psychology*, Volume 11, Number 1, February 2006, pp. 75-80 (6).

Gross M. A., Winslett A., Roberts M. and Gohm L. C. (2006). An Examination of Sexual Violence Against College Women. *Violence Against Women*, Vol. 12, No. 3, 288-300.

Hingson R., Heeren T., Winter M., and Wechsler H. (2005). Magnitude of Alcohol-Related Mortality and Morbidity Among U.S College Students Ages 18-24 Changes from 1998 to 2001. *Annual. Rev. Public Health* 26:259–79.

Holcomb R. D., Holcomb C. L., Sondag K. A., Williams N. (1991). Attitudes about date rape: Gender differences among college students. *College Student Journal*, Vol 25(4), Dec 1991. pp. 434-439.

Holcomb R. D. (1993). An Evaluation of a Mixed-Gender Date Rape Prevention Workshop. *Journal of American College Health*, v41 n4 p159-64 Jan.

Humphreys T. & Herold E. (2007). Sexual Consent in Heterosexual Relationships: Development of a New Measure. *Sex Roles Journal*, Volume 57, p. 305–315, June.

Humphreys T. (2007). Perceptions of Sexual Consent: The Impact of Relationship History and Gender. *Journal of Sex Research*, Volume 44, Issue 4 October, pages 307 – 315.

Johnson P. K. (1995). Attributions about Date Rape: Impact of Clothing, Sex, Money Spent, Date Type, and Perceived Similarity. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, Vol. 23, No. 3, 292-310.

Klaw L E., Lonsway A. K., Berg R. D., Waldo R C., Kothari C., Mazurek J. C., Greensboro L. and Hegeman E. K. (2005). Challenging Rape Culture: Awareness, Emotion and Action through Campus Acquaintance Rape Education. *Women & Therapy Journal*, vol. 28, No 2, February pp. 47 – 63.

Lanier and Green (2006). Principal Component Analysis of the College Date Rape Attitude Survey (CDRAS): An Instrument for the Evaluation of Date Rape Prevention Programs. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma* 2006, vol 13, No 2 September pp. 79 – 93.

Lavoie F. (2008). Citado na 2º International Conference on Community Psychology. Lisboa, June.

Lee J., Busch B. N., Kim J. and Lim H. (2007). Attitudes toward Date Rape Among University Students in South Korea. *Sex Role Journal*, vol. 57 Septembre, pp. 641 – 649.

Machado C., Saavedra R., and Coelho C. (2008). Citado por Coelho na Conferência Internacional de Psicológica Comunitária, Junho.

Maia Ângela C. e Fernandes E. (2003). Epidemiologia da Perturbação Pós-Stress Traumática (PTSD) e Avaliação da Resposta ao Trauma. *Epidemiologia da PTSD e Avaliação da Resposta ao Trauma*.

Martin K. E., Taft T. C., and Resick A. P. (2006). A review of marital rape. *Aggression and Violent Behavior* Volume 12, Issue 3, May-June, Pages 329-347.

Maurer W. T. & Robinson W. D. (2008). Effects of Attire, Alcohol, and Gender on Perceptions of Date Rape. *Sex Roles Journal* 58:423-434.

Mcdonald W. T. & Kline M. L. (2004) Perceptions of Appropriate Punishment for Committing Date Rape: Male College Students Recommend Lenient Punishments. *College Student Journal*, Vol. 38.

Messman-Moore L. T. and Brown L. A. Risk Perception, Rape, and Sexual Revictimization (2006): A Prospective Study of College Women. *Psychology of Women Quarterly* Volume 30 Issue 2 Page 159-172, June.

Mohler-Kuo M., Dowdal W. G., Koss P. M., Wechsler H. (2004). Correlates of Rape While Intoxicated in a National Sample of College Women. *Journal of Studies on Alcohol*, Vol. 65.

Monteiro, L. (1990). *ABC da Mente Humana*. Lisboa: Edição de Selecções do Reader's Digest.

Monteiro, M. & Santos, R. M. (1999). *Psicologia Social*. Porto Edições: Porto Editora.

Osman L.S. (2003). Predicting Men's Rape Perceptions Based on the Belief That "No" Really Means "Yes". *Journal of Applied Social Psychology*, Volume 33 Issue 4 Page 683-692, April.

Proite, R.(1993).Gender, Sex-Role Stereotypes, and the Attribution of Responsibility for Date and Acquaintance Rape. *Journal of College Student Development*, v34 n6 p411-17 Nov.

Pumphrey-Gordon E. J. and Gross M. A. (2007). Alcohol Consumption and Females' Recognition in Response to Date Rape Risk: The Role of Sex-Related Alcohol Expectancies. *Journal of Family Violence*, Volume 22, Number 6 / August.

Putman, A. G. (2002). College students' perceptions of date rape: The relationship between personal relevance and victim

empathy. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, Vol 63(5-B), Nov pp. 2599.

Rickert VI, Wiemann C. M. (1998). Date rape among adolescents and young adults. *Journal of Pediatric and Adolescents Gynecology*, Nov; 11(4): 167-75.

Sawyer G. R., Desmond M. S., and Lucke M.G. (1993). Sexual communication and the college student: Implications for date rape. *Health Values: The Journal of Health Behavior, Education & Promotion*, Vol 17(4), Jul-Aug pp. 11-20.

Soler-Baillo M. J., Marx P. B. and Sloan M. D. (2005). The psychophysiological correlates of risk recognition among victims and non-victims of sexual assault. *Behaviour Research and Therapy Journal*, Volume 43, Issue 2, February, Pages 169-181.

Victoria E. V. and Gross M. A. (2001). The Role of Woman's Explanations for Refusal on Men's Ability to Discriminate Unwanted Sexual Behavior in a Date Rape Scenario. *Journal of Family Violence*, Vol. 16, No. 4, December.

Wenger A. A. and Bornstein H. B. (2006). The Effects of Victim's Substance Use and Relationship Closeness on Mock Juror's Judgments in an Acquaintance Rape Case. *Sex Roles Journal*, Volume 54, Numbers 7-8 / April.

Winslett H. A. and Gross M. A. (2008). Sexual Boundaries. *Violence Against Women Journal*, Vol. 14, No. 5, 542-562.

Yael I., Ben-David S., and Ben-Nachum E. (2008). Attribution of blame to rape victims among therapists and non-therapists. *Behavioral Sciences & the Law*, Volume 25, Issue 1, Pages 103 – 120.

Anexo A

Enquadramento Teórico

Este trabalho tem como objectivo estudar quer a prevalência quer as atitudes da população Universitária Portuguesa em relação ao *Date Rape*.

O *Date Rape* é descrito como uma violação que envolve sexo não-casual entre duas ou mais pessoas que marcaram um encontro, daí o termo *Date*. A violação pode acontecer no primeiro encontro ou numa relação já estabelecida de longa data. A violação pode ser planeada pelo agressor ou pode ser espontânea. Esta violação é descrita por Bechhofer e Parrot (1991) como um tipo de "*Accquaintace rape*", ou seja como uma violação que é provocada por um conhecido da vítima. Neste tipo de violação o agressor tem que conhecer a vítima, podendo conhecê-la somente platónica ou sexualmente (Lee, Noel, Kim, Lim 2007).

O *Date Rape* é assim caracterizado como uma violência sexual, esta violência acontece quer nas relações ocasionais quer nas relações de namoro. É muito frequente, estima-se que as maiorias das violações são provocadas por alguém conhecido da vítima (Gray, 2006). É mais provável ser morto, abusado sexualmente, espancado... por familiares e conhecidos (Browne, Stratton, Hamilton, 2002). Os agressores podem ser maridos, namorados, amigos, colegas, etc. Este tipo de violência é altamente devastadora, visto ser praticada por alguém íntimo da vítima.

A violência é caracterizada como qualquer comportamento físico ou verbal destinado a danificar ou destruir, à margem de se manifestar com hostilidade ou como um acto frio e calculado para alcançar um fim (Enciclopédia da psicologia p. 8). Existem assim vários tipos de violência: A violência física (bater e outras formas de agressão), psicológicos (Intimidar, abuso emocional, etc.), a negligência (caracteriza-se por não se disponibilizar os cuidados necessários à sobrevivência e bem-estar) e a violência Sexual. A violência pode ser activa (directamente no agredido) ou passiva (indirectamente). A violência não só põe em risco a vida do

indivíduo como minimiza-o pondo também em risco o seu desenvolvimento e a sua personalidade (Osofsky, 1999). As principais vítimas de qualquer tipo de violência são as mulheres e crianças, cerca de 90% a 95%. Segundo a ONU, a violência contra as mulheres, é caracterizada como qualquer acto de violência baseado na discriminação de género que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos para as mulheres, incluindo ameaças de tais actos, a coerção ou a privação arbitrária da liberdade, podendo ocorrer em espaços privados ou em espaços da vida pública (Barroso, e tal. 2007). Alguns dos sintomas mais relatados por estas vítimas, são stress pós-traumático, depressões, bloqueio, incapacidade emocional, suicídio, etc. (Osofsky, 2004). É preocupante os números de violência, uma em cada três mulheres no mundo sofre algum tipo de violência, baseada no género ao longo da sua vida, sendo na maioria dos casos, perpetrado por um membro da sua própria família – geralmente o cônjuge; em todo o mundo, entre 40% a 20% dos homicídios das mulheres vivenciam situações de violência durante a gravidez (Barroso, 2007).

Em Portugal, verificou-se que a violência contra as mulheres é muito frequente. Em 2002 de acordo com os dados da APAV cerca de 20 mil mulheres foram agredidas, 43 ficaram gravemente feridas e 39 morreram. Estes números são os que se tem conhecimento, existem muitos que não são relatados. Estes números não param de aumentar de ano para ano. A violência familiar atinge todos, não apenas as mulheres, estima-se que cerca de 6,8% dos crimes de violência doméstica apurados foram cometidos a menores de 17 anos (Shani, 2007).

No namoro a violência também é muito frequente. Verificou-se num estudo de 2002 que 15,5% dos estudantes universitários Portugueses tinha sido vítima de pelo menos um acto abusivo durante o último ano de namoro, 21,7% dos quais admitiram já ter adaptado este tipo de condutas em relação aos seus parceiros. Pensa-se que a violência doméstica está interligada com a violência

no namoro e com a violência sexual. Esta forma de violência partilha alguns factores de risco associados à violência marital, por exemplo a presença de violência na família de origem. Alguns estudos registam a violência interparental com um preditor directo da violência no namoro. Assim, como sabemos que a violência no namoro é um importante preditor da violência conjugal, reforçar a importância da prevenção em fases relacionais precoces é fundamental (Matos, Machado, Caridade, Silva 2006).

Esta prevenção, também deverá actuar na violência sexual. A violência sexual está igualmente presente nas relações de namoro, nas relações ocasionais e nas relações conjugais violentas. Cerca das 73%, das mulheres Portuguesas que apresentaram queixa, entre 1992 e 1995, referiram que para além de terem sido vítimas de agressões físicas, eram também vítimas de violência sexual por parte do parceiro (Barroso, 2007). Num estudo recente, em 362 participantes do ensino universitário, 6,9% foram vítimas de violência sexual no namoro e 2,2% foram agressores. Nas relações ocasionais, em 432 participantes do ensino secundário e superior identificou-se 48,6% agressores de violência, 19,4% dos quais tinham sido agressores de violência sexual e identificou-se 35,4% vítimas de violência sexual (Machado, Saavedra, Coelho, 2008).

A violência Sexual, é caracterizada como um acto de violência física ou psíquica que retira a liberdade à pessoa agredida, obrigando-a a realizar actos sexuais através da força ou da intimidação: Incluem-se os casos em que a violação implica realização do contacto sexual através de fraude, uso de drogas, como acontece frequentemente no Date Rape, ou aproveitando-se de um indivíduo mentalmente incompetente. O factor determinante da violação é a violência que se exerce sobre a vítima, obrigando-a a realizar um comportamento sexual que não deseja, mais que o próprio facto da penetração vaginal, anal ou bucal, com o pénis ou um objecto. A violação normalmente envolve um agressor homem e uma mulher vítima, as mulheres são um grupo de risco, são as

vítimas mais frequentes de violação. No entanto, as violações também podem fazer com que homens e crianças sejam vítimas. As crianças também são um grupo altamente vulnerável e pode envolver vários agressores e várias vítimas (Enciclopédia da Psicologia, p. 156). Como podemos verificar todas as pessoas estão em risco, não somente as mulheres e crianças. As classes de violação são:

a) Violação pela força ou intimidação, a mais denunciada, com dois subgrupos (isolada, 77% dos casos, ou em grupo);

b) A violação por companheiros ou amigos, onde está incluído o Date Rape, em geral não são denunciadas porque em geral as mulheres sentem-se algo responsáveis pelo sucedido;

c) Violação não forçada (por drogas ou chantagem), incluem-se também aqui o Date Rape.

d) Violação nas prisões.

Segundo dados estatísticos sobre a violação em qualquer das classes, apenas 15% das vítimas não sofrem lesão ou coacção física, enquanto 11% é violentada até à tentativa de homicídio. Do ponto de vista psicológico, as consequências da violação são frequentes; 50% das vítimas sofrem disfunções sexuais, 41% desenvolvem vários tipos de reacções depressivas, 50% apresentam fobias específicas e, em linhas gerais, a maioria das vítimas sofrem consequências de stress pós-traumático (Enciclopédia da psicologia, vol. 4 p. 197). Cerca de 94% das vítimas, têm logo após à agressão, a probabilidade de virem a desenvolver stress pós-traumático (PTSD) (Maia & Fernandes, 2003). Os adolescentes e os jovens adultos são os grupos que têm maior probabilidade, cerca de quatro vezes mais, para serem vítimas de violação comparativamente com o grupo de mulheres mais velhas. Ou seja, mesmo homens adolescentes têm uma maior probabilidade de serem violados do que em relação a mulheres que apresentam já alguma idade. Actualmente está provado que é

muito fácil ter acesso aos adolescentes e jovens. Com as novas comunicações, principalmente a Internet, este grupo ficou mais vulnerável em relação às pessoas mais velhas. Os predadores sexuais utilizam a Internet para chegar mais facilmente a esta faixa etária (Wolak, Finkelhor, Ybarra, Kimberly 2006). Mulheres adolescentes e jovens adultas são uma faixa altamente vulnerável. Esta são as faixas da população mais susceptível de vir a sofrer violação, visto terem dois factores de grande risco respectivamente são jovens e são mulheres. Devido a isto, como profissionais de saúde, devemos ter em especial atenção a esta faixa da população (Rickert, 1998). Está confirmado, que cerca de 71% das mulheres violadas são adolescentes, normalmente com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos e cerca de 22% são mulheres jovens adultas, com idades compreendidas entre os 19 e 24 anos (Carr, 2004).

Os Estados Unidos são o país que apresenta o maior número de violações. Estima-se que nos Estados Unidos 22% das mulheres já tenha sido violada em algum espaço da sua vida, muitas dessa violações, mais de metade formam cometidas por conhecidos da vítima (Frieze & Mchugh, 1997). Pensa-se que nos Estados Unidos da América em cada 15 segundos uma mulher é espancada pelo seu marido e em cada 6 minutos é forçada a ter relações sexuais com este (Wekerle & Wolfe, 1999). A violação no casamento está a aumentar e está a começar a ser reconhecida como crime (Frieze & Mchugh, 1997).

No contexto académico, estima-se que uma mulher em cada quatro tenha sido vítima de violação durante a sua vida académica (Mohler-Kuo, Dowdall, Koss, Wechsler, 2004). Num estudo Norte-Americano de 2006, numa população de 50 estudantes (10 homens e 40 mulheres) verificou-se que cerca de 27% dos jovens já tinha tido algum tipo de sexo forçado por parte de um colega, desde de beijar até à penetração (Gross, et al. 2006). Iguamente nos E.U.A, foi verificado numa amostra de 178 estudantes, que cerca de 23% das mulheres e 7% dos homens já

tinha tido uma ou mais experiências de sexo não consentido (Flack Jr., Daubman, Caron, Asadorian, D'Aureli, Gigliotti, Hall, Kiser, Stine 2007). Numa população exclusivamente feminina, 350 mulheres, foi verificado que 21% das jovens Universitárias tinham sofrido tentativas de violação e 13% tinham sido vítimas de violação (Benson, Gohm, Gross, 2007). A violação é o único acto altamente violento e criminoso praticado entre estudantes; Cerca de 80% das violações praticadas em contextos académicos são violações de Date Rape. Os números não indicam a incidência real, já que 45% das mulheres não denunciam a violação e apenas 50% dos estudantes denunciaram os seus casos à polícia (Carr, 2007).

Assim, o termo Date Rape surgiu nos anos 80, mais especificamente na leitura académica os E.U.A. Nessa altura, a população Americana começou a ter consciência do fenómeno. Consequentemente, as vítimas começaram a ter o seu espaço e com isso principiaram a reportar os primeiros casos de Date Rape. Aí verificou-se que o Date Rape era muito frequente e que muitos deles aconteciam em Campus Universitários. Mesmo actualmente, o Date Rape continua a ser um crime que acontece com muita frequência, particularmente em Campus Universitários (Mcdonald & Kline, 2004). As razões pelas quais o número de Date Rapes ser muito elevado nos contextos universitários está relacionado, com o facto de nos Campus universitários ocorrerem muitas festas. A confiança no colega e nos residentes do campo, juntamente com o consumo elevado do álcool durante estas festas, fazem com que o número de Date Rapes em campus universitários seja consideravelmente elevado (Armstrong, Hamilton, Sweeney, 2006).

Gilbert (1992), referiu que a conscientização da sociedade perante o Date Rape está cada vez mais a aumentar (Truman, et al. 1996). Consequentemente o fenómeno veio a ser muito investigado e estudado em tudo o mundo ao longo dos anos. No entanto, em Portugal isso não acontece. Em Portugal ainda não se deu a conscientização da sociedade para tal problema, sendo a investigação quase inexistente. Apenas nos anos mais recentes é

que se têm realizado alguns estudos. Foi verificado, numa amostra de 837 mulheres Portuguesas que, uma em cada quatro estudantes universitárias tinha sido vítimas de experiências sexuais forçadas. Os beijos e carícias e a coacção sexual, ambos resultantes do uso de pressão por argumentos verbais, foram o tipo de agressão mais frequente. São 27 por cento das estudantes universitárias que afirmam ter sido vítimas de "relações sexuais forçadas", uma categoria que inclui a coacção sexual (experiências sexuais na sequência de argumentos verbais ou posição de autoridade) -13,3 por cento, os contactos indesejados (o que inclui beijos e carícias) - 6,8 por cento, a tentativa de violação – 3 por cento e a violação - 3,8 por cento. As jovens que tiveram contactos sexuais indesejados frequentavam anos de escolaridade mais baixos, enquanto as vítimas de violação frequentavam anos mais elevados. Da totalidade das vítimas, só 28 por cento pediram apoio, sendo o tipo de auxílio mais procurado um amigo (Gameiro, 2003).

O Date Rape, como qualquer tipo de violência, está muito relacionado com a violência de género. A violência de género é um padrão específico de violência que se amplia e reactualiza na proporção directa em que o poder masculino é ameaçado. Podendo revestir-se de diversas formas, tanto físicas, como psicológicas, económicas, sexuais ou de discriminação sociocultural, esta forma de violência é considerada, nacional e internacionalmente como “uma das mais graves violações do direito à vida, segurança, liberdade, dignidade e integridade física e mental daquelas que são as vítimas e por consequência, um entrave ao funcionamento de uma sociedade democrática, baseado no estado de direito. Nela se inscrevem um conjunto de crimes de que resultam vítimas que não só sofrem directamente os efeitos físicos e psicológicos da vitimização, como também as suas consequências sociais, materializadas na desorganização total ou parcial dos seus projectos de vida (Barroso, 2007).

Existem factores de risco que potenciam a probabilidade do Date Rape acontecer. Uns deles, é o consumo de álcool. Este é

altamente consumido pelos estudantes. E está nitidamente relacionado com o Date Rape. Existe uma clara correlação entre o consumo de álcool e as vítimas (Benson, et al. 2007). Cerca de 40% das vítimas de Date Rape e 55% dos agressores estava sobre o efeito do álcool (Wenger, 2006). O álcool é uma substância desinibidora. Este leva, com que muitas pessoas aumentem o seu desejo sexual e com que uma pessoa com carácter violento torne-se naturalmente agressiva. Ou seja, o álcool é uma droga que modifica quimicamente o cérebro, mas também modifica as expectativas do indivíduo, que se comporta de acordo com as crenças que tinha anteriormente sob os efeitos da substância (Enciclopédia da psicologia p. 146).

Se os homens tiverem atitudes tolerantes em relação ao Date Rape, o facto de terem consumindo álcool faz com que este avalie as situações de uma forma ainda mais positiva e tolerante. Por exemplo o factor género, que já verificamos que naturalmente influência a sociedade, com o consumo de álcool este é reforçado e consequentemente passa a ter ainda mais relevância, fazendo com que a violência de género (violações, violência física, mental, etc.) surja mais facilmente (Maurer W. Trent et all, 2007). Outros factores, como a roupa, também é reforçado pelo álcool. Está provado que o consumo de álcool aumenta definitivamente a probabilidade de uma violação ocorrer (Maurer W. Trent et all 2008). Ou seja, este é um risco quer para as vítimas quer para os agressores (Loiselle & Fuqua, 2007).

O álcool também influencia a forma como a pessoa pensa se está a ser vítima ou não. Uma pessoa alcoolizada tem menos noção de perigo fazendo com que fique vulnerável. As pessoas alcoolizadas têm menos resistência e menos respostas convincentes de recusa e consequentemente ficam mais expostas ao perigo (Pumphrey-Gordon, et al. 2007). Verificou-se igualmente que quanto maior o consumo de álcool maior a letargia e a lentidão da resposta. Isto faz com que o agressor tenha mais tempo para agir (Loiselle & Fuqua, 2007). Por essa razão, muitos dos

agressores incentivam a vítima a consumir grandes quantidades de álcool, ou mesmo outras substâncias. O álcool, como vimos é um factor que está fortemente relacionado com o Date Rape. O facto dos adolescentes e jovens consumirem muito álcool faz com sejam um grupo muito vulnerável. Em Portugal verificou-se um aumento, nos últimos quinze anos, quer de abuso de álcool quer de outras substâncias, na população juvenil (Pereira, et al. 2000). Este facto faz com que o álcool tenha que ser visto e abordado nos programas preventivos. É necessário que as escolas construam programas para a prevenção do consumo de álcool, abordando assim diversas questões como o Date Rape. Este tem que ser entendido pelos jovens e pessoas como um factor de risco que não só põem em causa a saúde da pessoa mas também a sua segurança. Outro factor de risco relatado são o número de parceiros, foi verificado que mulher que tem mais parceiros também tem mais probabilidade de encontrar homens agressivos (Benson, et al. 2007).

Apesar de se tratar de vítima e respectivo agressor, o conceito de Date Rape é raramente visto como sexualmente abusivo ou um acto criminoso (Lee, et al. 2007). Comparando com uma violação cometida pelo um estranho, a violação de “Acquaintance” é sentida pela sociedade como uma “não violação”, mas sim como um acontecimento que provavelmente até a mulher queria e se não queria, a culpa também foi dela pois saiu com o dito agressor. Estes tipos de preconceitos fazem com que a vítima se sinta algo responsável pelo sucedido (Johnson, 1995).

O Date Rape é um fenómeno complexo, este está relacionado com a sexualidade e na sexualidade existem muitos mitos. Os mitos da sexualidade influenciam a forma como as pessoas vê o fenómeno, a forma como lhe atribuem culpa. Os preconceitos criados a partir dos mitos, fazem com que muitas vezes o agressor seja menos punido e a respectiva vítima não seja isentem de culpa (Gray, 2006). Podemos verificar isto, quando realizaram um estudo em que os sujeitos masculinos e femininos, tiveram acesso a uma descrição de Date Rape. Os resultados

demonstraram que com a leitura da descrição os sujeitos apresentaram menos empatia pela vítima e atribuíram-lhe mais culpa (Putman, 2002). O mesmo aconteceu quando apresentaram aos sujeitos dois tipos de descrições de violação: a de Date Rape e a provocada por um desconhecido. Após a leitura, os sujeitos, masculinos e femininos, culpavam muito mais a vítima da violação de "Acquaintance" (Abrams, Dominic and Viki G. Tendayi, 2003). Também é relatado em estudos anteriores que o facto de a mulher consumir voluntariamente álcool ou drogas faz consequentemente diminuir a culpa no agressor e atribuir-lhe mais responsabilidade sobre a vítima (Girard & Senn 2008). Mesmo na Justiça isso acontece. Uma vítima que tenha consumido substâncias leva os Juizes a considerarem como mesmo credível e eventualmente a não incriminar o agressor (Wenger, 2006).

Devido a isto, muitas mulheres pensam que poderiam ter feito algo para prevenir a situação, não se vêem totalmente como vítimas, não se vêem como neutrais (Johnson, 1995). Isto faz com que muitas vezes não relatem os casos à polícia, fazendo com que efectivamente o número de agressões seja provavelmente muito maior (Mohler-Kuo, Dowdall, Koss, Wechsler 2004). Apesar, de não se considerarem como verdadeiras vítimas, elas de facto o são, cerca de 94%, têm logo após, terem sido vítimas, a probabilidade de virem a desenvolver stress pós-traumático (PTSD) (Maia & Fernandes, 2003). Verificou-se em estudos, que as vítimas que relatam o seu caso à polícia recuperam melhor e mais rapidamente dos seus problemas psicológicos (Thompson, et al. 2007).

Em relação aos agressores, muitos não se reconhecem como tal, normalmente referem que o seu acto não foi uma violação mas sim uma relação sexual casual (Freeman, 2007). Por estas razões é que é extremamente difícil à sociedade identificar o problema e dar uma resposta eficaz de resolução.

Estudos anteriores revelaram que os homens têm uma maior tolerância ao conceito, isto é, têm atitudes mais positivas em relação ao Date Rape (Bohner, et al. 1998). Por atitudes

entendemos, serem crenças ou sentimentos de uma pessoa, que determinam a sua predisposição para avaliar favorável ou desfavoravelmente os objectos e indivíduos que a rodeiam, Isto é as atitudes, influem no comportamento. Por exemplo, pode-se dizer que todas as pessoas que acham que todas as mulheres são emocionais têm uma atitude baseada num preconceito, conseqüentemente o comportamento vai ser baseado neste preconceito. No entanto, é de realçar que nem sempre isto ocorre, às vezes, o processo costuma ser o inverso e são as atitudes que seguem o comportamento e não o comportamento que seguem as atitudes (Enciclopédia de Psicologia, p. 203). Um dos objectivos do trabalho foi verificar as atitudes dos estudantes quando são abordados por situações de possível Date Rape, não somente a prevalência.

Esta tolerância está relacionada com múltiplos factores. As pessoas tem a tendência de modular os seus julgamentos conforme os seus comportamentos, como também têm a tendência de estarem sempre a justificar e a defender os seus actos (Yael, et al. 2007). Assim, a forma que os homens tem em defenderem-se é possuírem atitudes mais tolerantes e de colocar a responsabilidade na mulher. Estudos confirmaram que um em cada quatro homens concordava que muitas das vezes, as mulheres é que provocam a própria violação. Se elas não queriam, podiam ter evitado a respectiva situação (Holcomb, et al. 1993). Muitos referem, que cerca de 50% das violações são inventadas pela mulher, estes referem que na maior parte das vezes a mulher está a mentir e a exagerar (Sawyer, 2002). Muitos homens até pensam que a mulher queria ter de facto relações sexuais com eles. (Proite, et al. 1993).

Estes tipos de pensamentos podem surgir, devido à natureza humana de quererem estar sempre a diminuir a culpa no próprio, como também à uma comunicação difusa. Um estudo abordou o tipo de comunicação existente na interacção entre homens e mulheres, quando estes têm estes tipos de encontros. As mulheres têm a sensação de conseguir determinar as respectivas

intenções dos homens que acabaram de conhecer. Enquanto os homens caracterizam as mulheres como desonestas, dando mensagens difusas e que muitas vezes escondem as suas intenções em relação ao que realmente querem. Este tipo de comunicação faz com que eventualmente o date rape aumente. (Sawyer, 1993).

É por essas comunicações, que muitos homens têm a noção que quando a mulher diz “não ao sexo o que ela realmente quer dizer é talvez”. Muitos homens pensam que a mulher não está a ser verdadeira e para entenderem que de facto a mulher não se encontram disponível para ter relações sexuais, muitos necessitam de uma forte resistência por parte da mulher. Num estudo, 131 jovens estudantes completaram uma escala de resistência ao sexo. A estes era apresentado três tipos de cenários de date rape antes de responderem à escala. O resultado mostrou que quando os homens tinham fracas noções de resistência e de afirmação do não por parte da mulher, tinham também uma elevada predisposição para a agressão, pelo contrário homens com elevadas noções de resistência e de afirmação do não por parte da mulher tinham fraca disposição para a agressão. Este estudo demonstrou que os homens consideram a resistência da mulher um factor determinante para a ocorrência ou não de Date Rape. (Osman, 2006). No entanto, ao contrário dos homens, as mulheres necessitam de uma resposta convincente, para ter a certeza que de facto a pessoa encontra-se disponível para uma relação sexual (Humphreys, et al. 2007). As diferenças entre homens e mulheres neste tipo de interacções são muito significativas. A resistência também está nitidamente relacionada com a forte culpabilidade das vítimas, “*não fui suficientemente resistente e explicita de forma a não provocar excitação sexual no meu parceiro*” e a consequente desculpabilidade dos agressores “*a culpa também foi dela pois não foi verdadeira, visto não se mostrar suficientemente resistente. Ela provavelmente até queria, senão não tinha saído comigo*”.

Também existem diferenças entre sujeitos que já iniciaram relações sexuais e aqueles que nunca tiveram relações sexuais. Estudantes que tiveram mais experiências sexuais dão menos importância ao consentimento do parceiro neste tipo de encontros. Estudantes que nunca iniciaram a sua vida sexual dão externa importância ao consentimento do parceiro, esperando que destes uma resposta convincente (Humphreys, et al 2001).

Também foi relatado em estudos, que sujeitos que já foram vítimas, modificam as noções e percepções do risco. Quando relatado um cenário de Date Rape, os sujeitos que foram anteriormente vítimas, são mais lentos a identificar os factores de risco bem como ficam menos nervosos perante a visualização da situação. Isso talvez esteja ligado ao facto de não ser uma experiência nova e por já saberem quais efectivamente são os factores de risco (Soler-Baillo, 2005).

As pessoas mais tolerantes em relação ao Date Rape, tem enormes dificuldades em identificar se de facto ocorreu violação ou não, tem mais crenças, são mais permissivas, normalmente tem menos conhecimento sexual e tem mais tendência para culpar a situação e a sociedade do que o próprio agressor (Fischer, 1986).

Muitas pessoas são altamente influenciadas por factores externos. Verificou-se que quando surge elementos relacionados com o Despertar da Excitação Sexual o date rape não é encarado como um crime mas sim como uma consequência. Quer os homens quer as mulheres são confrontadas por factores desta ordem (Despertar da Excitação Sexual), pensam que o normal é que algo de sexual aconteça. Deste modo, ficam ambos mais vulneráveis ao processo aumentando a probabilidade de tornarem eventuais vítimas ou agressores. Verificou-se igualmente que os homens têm muito presente as Expectativas Sexuais. É neste factor que surge a maior discrepância entre homens e mulheres. Os homens têm mais Expectativas Sexuais nos seus encontros do que em relação às mulheres. Consequentemente, os homens são mais influenciados por factores de ordem sexual e por os papéis que eventualmente

cada um dos sexos deve desempenhar nestes tipos de encontros. Também foi verificado, que as tradicionais crenças sexuais ainda influenciam a forma como os homens vêem as mulheres e os seus papéis sociais na sociedade actual. Infelizmente, as tradicionais crenças sexuais ainda influenciam a forma como os homens vêem as mulheres na sociedade actual (Clark M. Diane et al, 2007). Ainda existe muitos estereótipos e preconceitos ligados quer à figura masculina quer à figura feminina. Por exemplo, ao homem caberá iniciar o contacto e insistir na relação sexual como prova da sua masculinidade e à mulher cabe-lhe dizer que não, para não ser tida como fácil. Todos estes estereótipos influenciam a forma como as interacções desenrolam-se e como chegam a um fim (Gameiro, 2003).

A prevenção e a Intervenção são necessárias para diminuir o problema. É fundamental haver esforços preventivos, a prevenção terá que actuar em 3 factores: A prevenção primária, secundária e terciária. A prevenção primária terá como objectivo trabalhar com os indivíduos que não tiveram contacto com realidades violentas ou experiencias de vitimação; procurando ajudá-los a manter esta condição. A prevenção secundária baseia-se em trabalhar especificamente com indivíduos em que existe o risco de se tornarem vítimas ou agressores na intimidade (adolescentes vítimas de violência parental; expostos a violência interparental); e a prevenção terciária, trabalhar com indivíduos que já foram alvos de Date Rape e que procuram ajuda para esta condição, de forma a reduzir este impacto e a evitar uma nova vitimação; e claro, trabalhar com indivíduos que perpetram (Matos et al. 2006). Construir programas de prevenção e interventivos, destinado a este três tipos de população é fundamental. No entanto, a prevenção primária e secundária é de externa importância, pois aí estamos efectivamente a destruir crenças, atitudes e a fazer com que a prevalência do Date Rape e de outros actos violentos diminuam.

Esta comprovado em estudos, que estudantes Universitários expostos a programas de prevenção primários/secundários, demonstraram mais sensibilidade ao problema e desenvolvem uma consciência de Date Rape. Estas mudanças são ambas cognitivas e emocionais e fazem com que os comportamentos se alterem ao longo do tempo (Klaw, Lonsway, Berg, Craig, Chevon, Mazurek, Greensboro, Kurt 2005). Num estudo, verificou-se que os programas de prevenção e intervenção tinham mais efeitos positivos nos próprios homens do que nas mulheres (Holcomb, 1993). Estima-se que cerca de 60% dos homens sujeitos a programas manifestam mudanças comportamentais (Foubert, Tatum, Donahue, 2006).

Os programas são altamente benéficos, os sujeitos que têm acesso a estes programas não só passam a ter consciência do problema, como diminuem o seu nível de tolerância, tem atitudes mais negativas, destroem estereótipos, como os anteriormente relatados e conseqüentemente alteram o seu papel na sociedade. Também, e não menos importante tem acesso a formas de se protegerem e de como identificar as situações de risco (Klaw, et al. 2005).

Para as pessoas que já foram vítimas (prevenção terciária), o contacto com os programas é igualmente benéfico. Muitas das vezes, as pessoas apenas identificam-se como sobreviventes de violência sexual, após o contacto com o programa e profissionais. Só após o auto-reconhecimento é que as pessoas podem procurar a ajuda específica e necessária para o seu problema. Com a ajuda necessária, o indivíduo poderá ultrapassar o seu problema e conseqüentemente aumentar o seu Empowerment.

O ideal seria realizar os programas já no ensino secundário, para que assim os estudantes aderissem ao problema antes da entrada para a faculdade. O que o programa, deveria disponibilizar, em termos gerais aos adolescentes era: o direito de serem tratados com respeito em qualquer situação, saberem quais e como por limites num contacto mais íntimo, o que são carícias e

que são agressões, confortarem-se com a possibilidade da pessoa poder mudar de opinião (o ter dito não, depois de ter tido que sim) e a pessoa não deixar de ser menos credível, e realçar a ideia que cada pessoa têm diferentes perspectivas e que podem ser muito diversas das do parceiro. É igualmente importante transmitir que ninguém tem o direito de insultar o parceiro pela sua reputação e claro de forçar relações sexuais (Lavoie, 2008).

Assim, o que podemos fazer como profissionais de saúde, em programas de prevenção, e como sociedade para que os futuros Date Rapes não venham a acontecer? É absolutamente necessário que a sociedade reveja os seus valores, contestando uma noção de cultura dominante e conseqüentemente construindo uma cultura de respeito e segurança. É importantíssimo que vejamos os homens como aliados, de modo a poder colaborar com eles, estes são fundamentais para o processo. A maioria dos especialistas reconhece que trabalhar com os homens é mais importante do que trabalhar com as mulheres, isto porque a maioria dos agressores são homens (Carr, 2004). Destruir as atitudes positivas e tolerantes e reforçando as negativas, realçando os problemas que advêm das violações, é importantíssimo. É igualmente indispensável, demonstrar aos sujeitos os tipo de comportamentos desejáveis e os não-desejáveis para que estes saibam como agir perante tal situação. E por fim, é fundamental construir uma cultura de protecção nas pessoas (Fabiano, Perkins, Berkowitz, Linkenbach, Stark, 2003).

Referências

Armstrong A. Elizabeth, Hamilton Laura, Sweeney Brian (2006). Sexual Assault on Campus: A Multilevel, Integrative Approach to Party Rape. *Journal of Social Problems*, November 2006, Vol. 53, No. 4, Pages 483–499.

Anna, Kiser Sarah, Stine R. Erin (2007). Risk Factors and Consequences of Unwanted Sex Among University Students. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 22, No. 2, 139-157.

Abrams D, Viki GT, Masser B, Bohner G. (2003). Perceptions of stranger and acquaintance rape: the role of benevolent and hostile sexism in victim blame and rape proclivity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2003 Jan; 84(1): 111-25.

Anderson A. Linda and Whiston C. Susan (2005). Sexual Assault Education Programs: A Meta-Analytic Examination of Their Effectiveness. *Psychology of Women Quarterly*, Volume 29 Issue 4 Page 374-388, December.

Anderson, Irina (2007). What is a typical rape? Effects of victim and participant gender in female and male rape perception. *British Journal of Social Psychology*, Volume 46, Number 1, March, pp. 225-245(21).

Almeida S. Leandro, Guisande M. Adelina, Soares Ana Paula, Saavedra Luísa (2006). Acesso e Sucesso no Ensino Superior em Portugal: Questões de Género, Origem Sócio-Cultural e Percurso Académico dos Alunos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 507-514.

Barroso Zélia (2007). *Violência nas Relações Amorosas*. Edições Colibri, Lisboa Outubro de 2007.

Benson J. Brenda, Gohm L. Carol and Gross M. Alan (2007). College Women and Sexual Assault: The Role of Sex-related Alcohol Expectancies. *Journal of Family Violence*, Volume 22, Number 6 / August.

Brown L. Amy and Testa Maria (2007). Social Influences on Judgments of Rape Victims: The Role of the Negative and Positive Social Reactions of Others. *Sex Roles Journal*, Volume 58, Numbers 7-8 / April.

Browne K. Hanks, Stratton P. H, and Hamilton C., (2002). *Early Prediction and Prevention of Child Abuse: A Handbook*. Chichester: Wiley.

Bohner Gerd, Reinhard Marc-André, Rutz Stefanie, Sturm Sabine, Kerschbaum Bernd and Effler Dagmar (1998). Rape myths neutralizing cognitions: evidence for casual impact of anti-victim attitudes on men's self-reported likelihood of raping. *European Journal of Social Psychology* vol 28 No 2 pp. 257-268.

Bohner Gerd, Siebler Frank, Schmelcher Jürgen (2006). Social Norms and the Likelihood of Raping: Perceived Rape Myth Acceptance of Others Affects Men's Rape Proclivity. *Personality and Social Psychology Bulletin*, Vol. 32, No. 3, 286-297.

Caetano, A.(2000). *Atitudes: Estrutura e mudança*. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds), *Psicologia Social (pp 188-225)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Carr L. Joetta and VanDeusen M. Karen (2004). Risk Factors for Male Sexual Aggression on College Campuses. *Journal of Family Violence*, Vol. 19, No. 5, October.

Carr L. Joetta. Campus Violence White Paper (2007). *Journal of American College Health*, vol. 55, April.

Clark M. Diane and Carroll H. Marjorie (2008). Acquaintance Rape Scripts of Women and Men: Similarities and Differences. *Sex Roles Journal*, Volume 58, Numbers 9-10 / May.

Chapleau M. Kristine, Oswald L. Debra, Russell L. Brenda (2008). Male Rape Myths. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 23, No. 5, 600-615.

Dominic Abrams , G. Tendayi Viki, Barbara Masser and Gerd Bohner (2003). Perceptions of Stranger and Acquaintance Rape: The Role of Benevolent and Hostile Sexism in Victim Blame and Rape Proclivity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2003, Vol. 84, No. 1, 111–125.

Enciclopédia da Psicologia, volume 4 (1990). Edições Oceano, Lisboa.

Fabiano M. Patricia, Perkins Wesley, Berkowitz Alan, Linkenbach Jeff, Stark Christopher (2003). Engaging Men as Social Justice Allies in Ending Violence Against Women: Evidence for a Social Norms Approach. *Journal of American College Health*, vol. 52 No.3.

Ferreira Armando Joaquim, Almeida S. Leandro, Soares C. Ana Paula (2001). Adaptação académica em estudante do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso, *Psico-USF*, v.6, n.1, p.01-10, jan./jun.

Frieze Hanson Irene and Mchugh C. Maureen (1997). Rape and sexual assault. In *Cambridge Handbook of Psychology health and medicine* by Andrew Baum, pp. 571-572.

Fischer J. Gloria. College student attitudes toward forcible date rape (1986): I. Cognitive predictors. *Archives of Sexual Behavior Journal*, Vol 15 (6), Dec 1986. pp. 457-466.

Gameiro Fátima (2003). Agressividade no namoro de adolescentes. *Tese de Mestrado*, 2003.

Foubert D. Jonh, Tatum L. Jerry, Donahue A. Greg (2006). Reactions of first-year men to a rape prevention program: Attitude and predicted behavior changes, *NASPA Journal*, vol 43 No 3.

Geiger Brenda, Fischer Michael and Eshet Yovav (2004). Date-Rape-Supporting and Victim-Blaming Attitudes Among High School Students in a Multiethnic Society. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 19, No. 4, 406-426.

Girard L. April, Senn Y. Charlene (2008). The Role of the New "Date Rape Drugs" in Attributions About Date Rape. *Journal of Interpersonal Violence*, Vol. 23, No. 1, 3-20.

Gray M. Jacqueline, Rape myth beliefs and prejudiced instructions: Effects on decisions of guilt in a case of date rape (2006). *Psychology*, Volume 11, Number 1, February 2006, pp. 75-80 (6).

Gross M. Alan, Winslett Andrea, Roberts, Miguel and Gohm L. Carol (2006). An Examination of Sexual Violence Against College Women. *Violence Against Women*, Vol. 12, No. 3, 288-300.

Hingson Ralph, Heeren Timothy, Winter Michael, and Wechsler Henry (2005). Magnitude of Alcohol-Related Morality and Morbidity Among U.S College Students Ages 18-24 Changes from 1998 to 2001. *Annual. Rev. Public Health* 2005. 26:259–79.

Holcomb R. Derek , Holcomb C. Linda, Sondag K. Annie, Williams Nancy (1991). Attitudes about date rape: Gender differences among college students. *College Student Journal*, Vol 25(4), Dec 1991. pp. 434-439.

Holcomb R. Derek (1993). An Evaluation of a Mixed-Gender Date Rape Prevention Workshop. *Journal of American College Health*, v41 n4 p159-64 Jan.

Humphreys Terry & Herold Ed (2007). Sexual Consent in Heterosexual Relationships: Development of a New Measure. *Sex Roles Journal*, Volume 57, p. 305–315, June.

Humphreys Terry (2007). Perceptions of Sexual Consent: The Impact of Relationship History and Gender. *Journal of Sex Research*, Volume 44, Issue 4 October, pages 307 – 315.

Johnson P. K. Kim (1995). Attributions about Date Rape: Impact of Clothing, Sex, Money Spent, Date Type, and Perceived Similarity. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, Vol. 23, No. 3, 292-310.

Klaw L Elena., Lonsway A. Kimberly, Berg R. Dianne, Waldo R Craig., Kothari Chevon, Mazurek J. Christopher, Greensboro Lane and Hegeman E. Kurt (2005). Challenging Rape Culture: Awareness, Emotion and Action through Campus Acquaintance Rape Education. *Women & Therapy Journal*, vol. 28, No 2, February 2005 pp. 47 – 63.

Lanier and Green (2006). Principal Component Analysis of the College Date Rape Attitude Survey (CDRAS): An Instrument for the Evaluation of Date Rape Prevention Programs. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma* 2006, vol 13, No 2 September 2006 pp. 79 – 93.

Lavoie Francine (2008). Citado na 2º International Conference on Community Psychology. Lisboa, June 2008.

Lee Joohee, Busch B. Noel, Kim Jinsedk and Lim Hyunsung (2007). Attitudes Toward Date Rape Among University Students in South Korea. *Sex Role Journal*, vol. 57 Septiembre 2007, pp. 641 – 649.

Maia Ângela Costa e Fernandes Eugénia. Epidemiologia da Perturbação Pós-Stress Traumática (PTSD) e Avaliação da Resposta ao Trauma. *Epidemiologia da PTSD e Avaliação da Resposta ao Trauma*.

Matos Marlene, Machado Carla, Caridade Sónia, Silva João Maria (2006). Prevenção da Violência nas Relações de Namoro: Intervenção com Jovens em Contexto Escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, vol 8 No 1, p. 55- 75.

Martin K. Elaine, Taft T. Casey, and Resick A. Patricia (2006). A review of marital rape. *Aggression and Violent Behavior* Volume 12, Issue 3, May-June, Pages 329-347.

Maurer W. Trent & Robinson W. David (2008). Effects of Attire, Alcohol, and Gender on Perceptions of Date Rape. *Sex Roles Journal* 58:423–434.

Messman-Moore L. Terri and Brown L. Amy. Risk Perception, Rape, and Sexual Revictimization (2006): A Prospective Study of College Women. *Psychology of Women Quarterly*, Volume 30 Issue 2 Page 159-172, June.

Mcdonald W. Theodore & Kline M. Linda (2004) Perceptions of Appropriate Punishment for Committing Date Rape: Male College Students Recommend Lenient Punishments. *College Student Journal*, Vol. 38.

Mohler-Kuo Meichun, Dowdal W. George, Koss P. Mary, Wechsler Henry (2004). Correlates of Rape While Intoxicated in a National Sample of College Women. *Journal of Studies on Alcohol*, Vol. 65.

Machado Carla, Saavedra Rosa, and Coelho Cláudia (2008). Citado por Coelho na Conferência Internacional de Psicológica Comunitária, Junho 2008.

Osman L.Suzanne (2003). Predicting Men's Rape Perceptions Based on the Belief That "No" Really Means "Yes". *Journal of Applied Social Psychology* Volume 33 Issue 4 Page 683-692, April.

Osofsky D. Joy, (1999). The impact of violence on children. *The future of children domestic violence and children* vol. 9 No. 3 – Winter.

Osofsky D. Joy, (2004). Community outreach for children exposed to violence. *Infant mental health journal*, vol. 25 No. 5, pp 478-487.

Proite, Rosanne. Gender, Sex-Role Stereotypes, and the Attribution of Responsibility for Date and Acquaintance Rape. *Journal of College Student Development*, v34 n6 p411-17 Nov.

Pumphrey-Gordon E. Jennifer and Gross M. Alan (2007). Alcohol Consumption and Females' Recognition in Response to Date Rape Risk: The Role of Sex-Related Alcohol Expectancies. *Journal of Family Violence*, Volume 22, Number 6 / August .

Putman, Alissa Garber (2002). College students' perceptions of date rape: The relationship between personal relevance and victim empathy. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, Vol 63(5-B), Nov. pp. 2599.

Rickert VI, CM Wiemann (1998). Date rape among adolescents and young adults. *Journal of Pediatric and Adolescents Gynecology*, Nov; 11(4): 167-75.

Sawyer G. Robin, Desmond M. Sharon, Lucke M.Gabrielle (1993). Sexual communication and the college student: Implications for date rape. *Health Values: The Journal of Health Behavior, Education & Promotion*, Vol 17(4), Jul-Aug pp. 11-20.

Shani D'Cruze, Review Article: Consolidation and Diversification: Some Current Turns in Gender History. *Journal of Contemporary History*, Vol. 42, No. 4, 693-705.

Soler-Baillo M. Jose, Marx P. Brian and Sloan M. Denise (2005). The psychophysiological correlates of risk recognition among victims and non-victims of sexual assault. *Behaviour Research and Therapy Journal*, Volume 43, Issue 2, February 2005, Pages 169-181.

Turman Dana (1996). Dimensions of Masculinity: Relations to Date Rape Supportive Attitudes and Sexual Aggression in Dating Situations. *Journal of Counseling & Development*, vol. 74 n6 p555-62 Jul-Aug.

Victoria E. Van Wie and Alan M. Gross (2001). The Role of Woman's Explanations for Refusal on Men's Ability to Discriminate Unwanted Sexual Behavior in a Date Rape Scenario. *Journal of Family Violence*, Vol. 16, No. 4, December.

Wenger A. Ashley and Bornstein H. Brian (2006). The Effects of Victim's Substance Use and Relationship Closeness on Mock Juror's Judgments in an Acquaintance Rape Case. *Sex Roles Journal*, Volume 54, Numbers 7-8 / April.

Wekerle Christine, Wolfe A. David (1999). Dating violence in Mid-Adolescence: Theory, significance, and Emerging Prevention Initiatives. *Clinical Psychology Review*, Vol. 19, No 4, pp. 435-456.

Wolak Janis, Finkelhor David, Ybarra L. Michele and Mitchell J. Kimberly. *American Psychologist Journal* Vol 63(2), Feb-Mar pp. 111-128.

Winslett H. Andrea and Gross M. Alan (2008). Sexual Boundaries. *Violence Against Women Journal*, Vol. 14, No. 5, 542-562.

Yael Idisis, Ben-David Sarah, Ben-Nachum Efrat (2008). Attribution of blame to rape victims among therapists and non-therapists. *Behavioral Sciences & the Law* Volume 25, Issue 1, Pages 103 – 120.

Anexo B

Este questionário estuda a questão do “Date/Acquaintance rape” no contexto universitário. “Date rape ou Acquaintance Rape” é ter relações sexuais forçadas, não consentidas entre duas ou mais pessoas que se conhecem. Este tipo de violação pode acontecer entre colegas, amigos, namorados, casais ou simplesmente entre duas pessoas que se acabaram de conhecer.

Para avaliar quais as suas atitudes face a este problema, vai-lhe ser apresentado uma escala, onde deverá colocar uma cruz no quadrado que corresponde ao modo como realmente sente.

Não existem respostas certas ou erradas, apenas a sua opinião conta.

Na parte final apresentamos-lhe também um conjunto de questões que procuram obter informação acerca da prevalência do fenómeno de Date/Rape.

As suas respostas são totalmente anónimas e confidenciais.

Obrigado(a) pela sua colaboração.

Sexo: Feminino Masculino

Idade: **Curso que frequenta:**

Ano que encontra-se a estudar:

Orientação sexual: Heterossexual Homossexual Bissexual

Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	2	3	4

1	A maioria das mulheres gosta de ser submissa numa relação sexual.	1	2	3	4
2	Se uma mulher vestir um vestido sexy e atraente significa que procura ter uma relação sexual.	1	2	3	4
3	Se uma mulher convidar um homem para sair com ela, isso significa que procura ter uma relação sexual com esse homem.	1	2	3	4
4	Na maioria destes encontros, se ocorrer violação, é porque a vítima teve um comportamento promíscuo ou tem uma má reputação.	1	2	3	4
5	O homem pode ter relações sexuais com a parceira que o autorizou, mesmo que esta mude de opinião no último momento.	1	2	3	4
6	Muitas mulheres fingem não querer sexo, para evitar parecerem "fáceis".	1	2	3	4
7	O homem consegue controlar o seu comportamento, independentemente da sua excitação sexual.	1	2	3	4
8	O grau de resistência de uma mulher deve ser um factor determinante para se saber se ocorreu uma violação.	1	2	3	4
9	Quando uma mulher diz não ao sexo ela quer realmente dizer "talvez".	1	2	3	4
10	Se uma mulher deixar um homem pagar-lhe o jantar, cinema ou bebidas, deve considera-se obrigada a ter sexo.	1	2	3	4
11	As mulheres provocam a violação pelo seu comportamento.	1	2	3	4
12	As mulheres frequentemente mentem sobre serem violadas para voltarem a ter encontros.	1	2	3	4
13	Não faz mal impingir bebidas alcoólicas numa festa, saída ou encontro de maneira a aumentar as hipóteses de haver sexo.	1	2	3	4
14	Quando uma mulher pergunta ao homem para ir a sua casa, é esperado que algo sexual aconteça.	1	2	3	4

15	Os violadores quando se encontram com as suas vítimas são geralmente motivados por uma vontade incessante de desejo sexual.	1	2	3	4
16	Na maioria dos casos, quando uma mulher foi violada é porque o merecia.	1	2	3	4
17	Quando uma mulher acaricia os genitais de um homem significa que esta consentiu relações sexuais.	1	2	3	4

1. Alguma vez, se viu envolvido(a) neste tipo de situação como vítima?

Sim

Não

2. Se respondeu Não, passe à pergunta 7.

3. Se respondeu sim, especifique em que local ocorreu?

4. Estava sobre o efeito de álcool?

Sim

Não

5. Estava sobre efeito de outras substâncias?

Sim

Não

6. Se respondeu sim, diga quais?

7. Já alguma vez foi agressor?

Sim

Não

8. Se respondeu Não a sua prova termina aqui, muito obrigado(a) pela sua colaboração.

9. Se respondeu sim, especifique em que local ocorreu?

10. Estava sobre o efeito de álcool?

Sim

Não

11. Estava sobre efeito de outras substâncias?

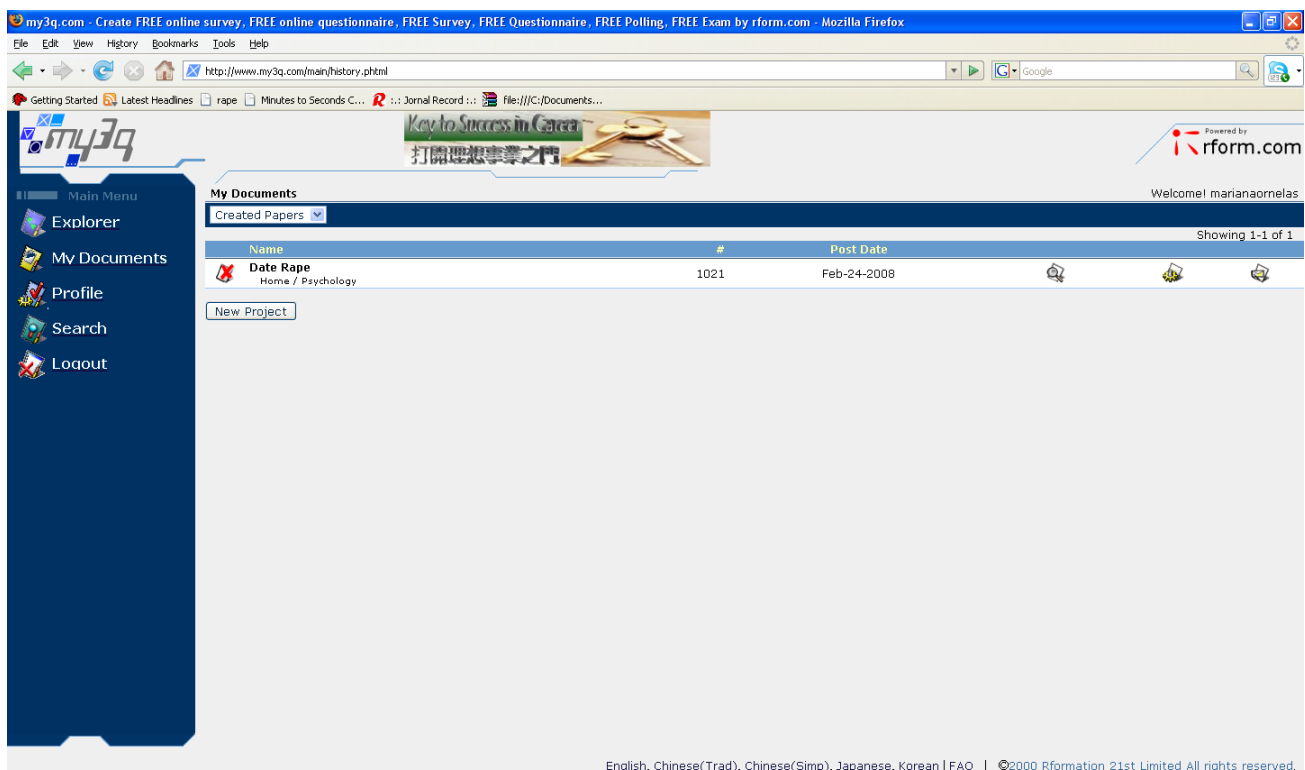
Sim

Não

12. Se respondeu sim, diga quais?

Obrigado(a) pela sua colaboração.

Este questionário foi colocado digitalmente no seguinte site:



The screenshot shows a web browser window with the URL <http://www.my3q.com/main/history.phtml>. The page features a navigation menu on the left with options: Explorer, My Documents, Profile, Search, and Logout. The main content area is titled "My Documents" and displays a table of documents. The table has columns for Name, #, and Post Date. One document is listed: "Date Rape" with ID 1021, posted on Feb-24-2008. A "New Project" button is visible below the table. The footer of the page contains the text: "English, Chinese(Trad), Chinese(Simp), Japanese, Korean | FAQ | ©2000 Rformation 21st Limited All rights reserved."

Name	#	Post Date
Date Rape Home / Psychology	1021	Feb-24-2008

Anexo C

Crosstabs

[DataSet1] C:\Users\Mariana Ornelas\Desktop\Base dados FINAL!!!.sav

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
sexo * vitima	1013	100,0%	0	,0%	1013	100,0%

Frequencies

[DataSet1] C:\Users\Mariana Ornelas\Desktop\Base dados FINAL!!!.sav

sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Homens	316	31,2	31,2	31,2
	Mulheres	697	68,8	68,8	100,0
Total		1013	100,0	100,0	

T-Test

[DataSet1] C:\Users\Mariana Ornelas\Desktop\Base dados FINAL!!!.sav

Group Statistics

sexo		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
mfact1	Homens	316	2,1792	,45347	,02551
	Mulheres	697	1,7486	,36854	,01396
mfact2	Homens	316	1,4720	,41127	,02314
	Mulheres	697	1,2659	,30428	,01153
mfact3	Homens	316	2,6973	,49844	,02804
	Mulheres	697	2,6055	,47250	,01790

sexo * vitima Crosstabulation

Count

		vitima		Total Sim
		Sim	Não	
sexo	Homens	5	311	316
	Mulheres	39	658	697
Total		44	969	1013

sexo

■ Homens
■ Mulheres

